



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JACKSON KLLAY GUIMARÃES SILVA

**DE 20 CENTAVOS A 20 MILHÕES DE MOTIVOS: ENTENDENDO AS
RECENTES MANIFESTAÇÕES POPULARES NA CIDADE DE
TERESINA**

PICOS – PI
2014

JACKSON KLLAY GUIMARÃES SILVA

**DE 20 CENTAVOS A 20 MILHÕES DE MOTIVOS: ENTENDENDO AS
RECENTES MANIFESTAÇÕES POPULARES NA CIDADE DE
TERESINA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

PICOS – PI

2014

Eu, **Jackson Kllay Guimarães Silva**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 21 de agosto de 2014.


Assinatura

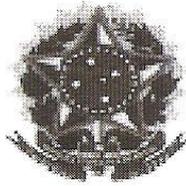
FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586v Silva, Jackson Kllay Guimarães.
De 20 centavos a 20 milhões de motivos: entendendo as recentes manifestações populares na cidade de Teresina / Jackson Kllay Guimarães Silva. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (66 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento

1. Manifestações Populares. 2. Direitos Coletivos. 3. Tarifa de Ônibus. 4. Teresina. I. Título.

CDD 303.484 812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao dia (08) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de JACKSON KLLAY GUIMARÃES SILVA sob o título *DE VINTE CENTAVOS A VINTE MILHÕES: ENTENDENDO AS RECENTES MANIFESTAÇÕES NA CIDADE DE TERESINA*

A banca constituída pelos professores:

Orientador: PROF. DR. FRANCISCO DE ASSIS DE SOUSA NASCIMENTO
Examinador 1 : PROF. MS. FÁBIO LEONARDO CASTELO BRITO
Examinador 2: PROFA. MS. LÍVIA MOREIRA BARROSO

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI) 08 de Agosto de 2014

Orientador (a): Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Examinador (a) 1: Livia Moreira Barroso
Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador 3: Zenilson José de Sousa

AGRADECIMENTOS

Acima de qualquer coisa agradeço a Deus autor e consumidor de nossa fé, aquele que está presente em todos os momentos de nossas vidas e do qual nos permite passo a passo alcançar nossos objetivos. À Universidade Federal do Piauí pela colaboração em todos esses quatro anos e meio que nos têm proporcionado um ambiente favorável ao nosso desenvolvimento intelectual. A todos os professores pelos quais fui aluno e dos quais sem eles não teria chegado aonde cheguei. . Ao meu orientador Prof. Dr. Francisco Nascimento, pela sua competência e sempre prontidão em nos atender em nossas dúvidas e necessidades e nos dar o suporte no tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Agradeço a minha mãe Maria Deuzuite Guimarães Silva, que nunca poupou esforços em me dar as melhores oportunidades nos estudos em minha vida. Ao meu pai Jucelino Matena da Silva a quem amo muito por toda sua dedicação e colaboração para que eu pudesse chegar aonde cheguei. A todos os meus familiares que sempre me apoiou e me incentivou a lutar pelos meus objetivos. Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigado.

“Tudo neste mundo tem o seu tempo; cada coisa tem sua ocasião. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou”

(Sábio Salomão)

RESUMO

Este trabalho que tem como título “De 20 centavos a 20 milhões de motivos: Entendendo as recentes manifestações populares na cidade de Teresina” tem o objetivo de a luz dos acontecimentos ocorridos nas ruas da capital piauiense nos anos de 2011 a 2013 trazer o que de mais importante caracterizou esse momento tão importante para a história do Brasil. Partindo do ano de 2013 inicialmente tem-se uma análise a nível nacional dos protestos elencando-se quais foram os motivos iniciais de sua efetivação e quais os desmembramentos causados por eles. Nesse momento procuro perfilar o movimento. O que motivou as pessoas irem as ruas, quais pessoas participaram, qual sua condição social e grau de escolaridade. Quais foram as principais causas que levantaram, pelo que reivindicaram. Passando esse momento é feita uma análise das principais mudanças oriundas dos protestos ainda a nível nacional. Quais as conquistas, como os políticos se portaram frente a situação a que foram expostos. Em um último momento encontramos em Teresina dos anos anteriores a 2013 já que lá os protestos pela redução da tarifa de ônibus aconteceram desde 2011. Aqui é feito igualmente uma análise do que de mais importante ocorreu nesse momento de sua história detalhando os ocorridos nas ruas nos anos de 2011, 2012 e 2013.

Palavras-chave: Manifestações, direitos, Teresina, tarifa de ônibus.

ABSTRACT

This work is titled "From 20 cents to 20 million reasons: Understanding the recent popular demonstrations in the city of Teresina" aims to light the events on the streets of the capital of Piauí in the years 2011-2013 bring that most importantly characterized this as important to the history of Brazil now. Starting from the year 2013 initially has an analysis of nationwide protests addressing what were the initial reasons for adoption and which dismemberment caused by them. Right now I try to profile the movement. What motivated people to go to the streets, where people participated, what their social status and educational level. What were the main causes raised, so claimed. Passing this time an analysis of the major changes arising from protests at national level is still taken. What are the achievements, how politicians behaved opposite situation they have been exposed. In a last moment we find ourselves in Teresina in previous years to 2013 since the protests there by reducing the bus fare happened since 2011. This is also done an analysis of what happened in this most important time in its history occurred in detailing the streets in the years 2011, 2012 and 2013.

Keywords: Events, rights, Teresina, bus fare.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: O que pensam as ruas	27
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: PROTESTO:Estudantes tomam a Frei Serafim e interrompem o trânsito. PM usou spray de pimenta e balas de borracha	43
Figura 2: FORÇA:Seis jovens estudantes foram levados pela Polícia a Central de Flagrantes	43
Figura 3: ELMANO assina a suspensão dos efeitos do decreto que gerou protestos e muito tumulto.....	45
Figura 4: VITÓRIA: Estudantes comemoram decisão do Prefeito.....	46
Figura 5: Passageiros abandonam ônibus e seguem a pé	52
Figura 6: Reunião de 12 horas põe fim ao impasse	53
Figura 7: Charge Jornal O Dia.....	54
Figura 8: 14 mil motivos para protestar	55
Figura 9: Na Avenida Miguel Rosa os manifestantes atearam fogo.....	60
Figura 10: Em frente ao Palácio de Karnak um grupo atira pedras contra a polícia após danificar placas.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. AS MANIFESTAÇÕES NO CONTEXTO NACIONAL	15
1.1 História social e as manifestações	15
1.2 História do tempo presente e as manifestações.....	18
1.3 Contexto nacional.....	21
1.4 Quadro geral dos manifestantes	27
2. CONQUISTAS DAS MANIFESTAÇÕES	32
3. AS MANIFESTAÇÕES NA CIDADE DE TERESINA	40
3.1 Teresina e as manifestações em 2011	40
3.2 As Manifestações em Teresina na Passagem de 2011-2012 e início de 2012 ...	48
3.3 Teresina e as manifestações em 2013.....	55
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Em meados de 2013 eclodiu um movimento por todo o Brasil de pessoas indo às ruas de várias cidades e capitais do Brasil afora, reunindo uma multidão bem acima de um milhão de pessoas na histórica noite de quinta feira, dia 13 de junho de 2013. A reivindicação inicial pela redução das passagens de ônibus logo se multiplicou em vários motivos que há tempos vêm incomodando milhões de brasileiros: altos índices de corrupção na política, sistemas básicos de assistências sociais ineficientes como saúde, educação e segurança, pra ficar somente nesses por enquanto. O que se sabe é que esse não foi o início, mas o estopim de uma revolta que vem de tempos antes. E nesse contexto Teresina, não só está inclusa nas reivindicações pelo anseio de mudanças sociais e políticas no Brasil, como protagonizou em 2011/2012 um conjunto de revoltas, a exemplo do que ocorreu em São Paulo e demais cidades Brasil afora em 2013 pela redução dos preços das passagens de ônibus. Pessoas foram às ruas, ergueram faixas, fizeram barricadas, quebraram e queimaram ônibus, numa tentativa de chamar a atenção das autoridades para suas necessidades.

Partindo então da cidade e capital piauiense Teresina, dos anos 2011/2012 / 2013, é que elaboro esse trabalho monográfico, uma exigência do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí-UFPI, que tem como objetivo principal compreender os acontecimentos ocorridos nesse espaço/tempo apresentando o perfil dessas manifestações em Teresina. Manifestações essas que se configuram como movimentos sociais de rua. Por quais motivos foram às ruas? Pelo que reivindicavam? Somente pela redução do preço das passagens de ônibus? Havia uma homogeneidade de interesses nas reivindicações? Ou reivindicavam por causas diferentes? Ou se reivindicavam por causas diferentes, eram opostas ou se completavam? Quem foi às ruas? O que mudou a partir dessas reivindicações? Quais as conquistas? Qual a postura dos políticos frente às essas manifestações?

Tendo esses elementos como os norteadores dessa pesquisa é que proponho uma leitura histórica dos acontecimentos que caracterizaram esse espaço e período considerados pela pesquisa. O objetivo é, portanto, descrever e analisar os principais momentos que marcaram esse período tão importante da história

brasileira, quando milhares de pessoas saem às ruas para lutar pelos seus direitos e não apenas pela redução da tarifa de transporte público.

As fontes para essa pesquisa serão a revista *Veja* e *O Dia* – jornal de Teresina. A coleta dos dados será feita a partir da leitura direta das fontes. Os dados coletados serão em sua quase totalidade de fontes jornalísticas escritas, no caso a revista *Veja* e um jornal impresso de Teresina. A partir da leitura das fontes é que ficharemos os principais conteúdos e fatos relevantes para a nossa pesquisa para depois elaborarmos a escrita do trabalho.

Sabemos que a imprensa é um grande meio de veiculação de acontecimentos. No Brasil, assim como em qualquer lugar do mundo tem um papel importante na expansão e divulgação do acontecer histórico, entre outras funções. É nesse sentido que compreendo a importância da imprensa como um todo, mas nesse caso especificamente trabalharei apenas a escrita – revista e jornal – como importantes fontes de estudo, que possibilitam a construção e reconstrução da história, podendo desvendar aspectos do social, do político e do econômico dentro de períodos e locais pré-determinados. Neste caso, mais especificamente a cidade de Teresina nos anos 2011 / 2012 / 2013.

As análises dos jornais serão então a base para a construção da escrita do meu trabalho, tendo em vista a colaboração desse importante meio de comunicação como fontes para a História Social como frisa José D’Assunção Barros em seu artigo *A História Social: seus significados e seus caminhos*:

Além da violência individual, que aparece através do crime, existe ainda a violência coletiva, onde a massa anônima deixa suas marcas e conquista também a sua voz através de explosões de revolta que podem ficar registradas nas notícias de jornais, ou então nas descrições dos cronistas para os períodos mais antigos. (BARROS, 2005)

Em outro momento José D’Assunção Barros, fazendo uma citação de E.P. Thompson expõe a importância das revoluções no processo de construção da identidade de classe, em que as massas tornam-se visíveis deixando suas vozes registradas através de panfletos e cronistas da época:

As revoluções e os processos de transformação social, conforme já observou Thompson muito bem, são momentos privilegiados para a percepção das identidades de classe, inclusive as relativas aos grupos sociais menos privilegiados. São nestes momentos que as massas tornam-se visíveis, exprimindo-se através dos gestos do “protesto” (sejam protestos

espontâneos, sejam os movimentos organizados, como as greves) ou da violência coletiva, que podem produzir desde badernas e motins até revoluções com repercussões sociais definitivas. São também nestes momentos que, eventualmente, emergem as lideranças populares – por vezes deixando suas vozes registradas em panfletos e em discursos que foram recolhidos pela imprensa ou pelos cronistas de uma época. (BARROS, 2005)

Barros ainda diz mais, e aqui entendido por mim que a partir do momento em que as massas populares se organizam em protestos públicos, ela passa a ser vista e ouvida, podendo-se completar esse pensamento em “e sendo registradas em diferentes meios dentre eles os jornais impressos”. Veja:

No dia a dia, as massas populares são informes: executam como que emudecidas as tarefas que lhes permitirão assegurar a sua sobrevivência diária. [...] Mas quando ocorre um motim, uma insurreição, um protesto público, pela primeira vez a massa de despossuídos será ouvida não através da passividade dos números silenciosos, e sim através dos gestos violentos e ruidosos. (BARROS, 2005)

É preciso compreender a importância dessas fontes jornalísticas como documentos históricos, servindo como um elemento de ampliação do campo de atuação do historiador. Eric Hobsbawm coloca a utilização dos jornais como fontes de pesquisa numa posição privilegiada quando diz:

À medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fonte: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais e instituições internacionais [...] Nenhuma história das mudanças sociais e econômicas ocorridas neste século poderia ser escrita sem essas duas fontes (HOBBSAWM, 1995).

Chauveau e Tétard (1999) também ressalta a crescente importância que os escritos jornalísticos adquiriram no século XX no período pós-guerras dentro das instituições universitárias.

Pela intensidade dos engajamentos inerentes à situação de precariedade política, diplomática e militar, pela elevação do nível de estudo, o período se prestava, pois, ao desenvolvimento de uma literatura cujo papel devia ser o de esclarecer a nação sobre a instabilidade governamental, sobre as guerras, sobre a descolonização, sobre as tensões internacionais. Mas esta afirmação é igualmente inseparável dos progressos audiovisuais, da aceleração da comunicação, do vigor da edição. Enfim, esse período é também o de uma dupla confirmação editorial e universitária: a da ciência política e da sociologia que reclamam, ambas, uma maior capacidade de análise do presente. (CHAVEAU;TÉTART,1999, p.22)

Todos esses fatores conjugados formam as bases para que a imprensa seja utilizada enquanto fonte histórica e seja considerada um meio de acesso a muitas das reivindicações sociais, crises políticas, cotidiano e outras pistas sobre os sujeitos e a sociedade em determinada tempo.

Fica evidente então a importância dos jornais enquanto fontes de pesquisa histórica. Sendo assim, tranquilizo-me com a ideia de trabalhar minha pesquisa com quase que exclusivamente fontes jornalísticas. O primeiro passo é fazer uma leitura geral de todas as edições que venham tratar do tema da pesquisa. Posteriormente será feita a seleção das notícias mais relevantes para a compreensão do tema proposto. Faz-se então o registro das notícias preferencialmente em um meio digital (notebook ou computador). Depois de todos esses dados estarem organizados e fichados vem a elaboração da pesquisa.

O primeiro capítulo destina-se a situar a pesquisa no contexto teórico que é a História Social e a História do Tempo Presente, além de apresentar o contexto nacional das manifestações de 2013 e o perfil geral daqueles que participaram dos protestos.

O segundo capítulo trata das conquistas das manifestações. Nesse momento é feita uma análise das mudanças que esse movimento imprimiu dentro das instituições políticas. As principais conquistas que caracterizaram esse momento histórico do Brasil é ponto principal que esse capítulo vai abordar.

No terceiro e último capítulo desse trabalho nos reportaremos especificamente à cidade de Teresina para agora não apenas no ano de 2013, mas os anos de 2011 e 2012, tendo em vista que antes mesmo dos protestos de junho do ano passado, Teresina já havia protagonizado movimento semelhante pela redução das passagens urbanas. Sendo assim esse capítulo fecha essa pesquisa abordando as manifestações, suas causas, seus agentes, seus desmembramentos e suas conquistas.

1. AS MANIFESTAÇÕES NO CONTEXTO NACIONAL

1.1 História Social e as Manifestações

A partir desses pressupostos é que o nosso trabalho tomará por base as ideias inerentes a História Social que em revelia da história tradicional dá voz aos sujeitos sociais, dando visibilidade aos expoentes menos favorecidos da sociedade. Ou seja, esse trabalho procurará compreender a força que esses movimentos sociais exercem dentro da sociedade como determinantes agentes que ajudam a construir a história.

Em um primeiro momento, a expressão *História Social* foi direcionada para uma história das grandes massas ou para uma história dos grupos sociais diversos, em contraste com a biografia dos grandes homens, palco das análises historiográficas anteriores ao século XX. Essa nova forma de ver e pensar a história não mais pautada nos “grandes” feitos heroicos, e protagonizada por “grandes” figuras, pôde dá visibilidade aos expoentes menos favorecidos da sociedade: ao escravo, ao artífice, às mulheres, aos operários, aos revoltosos, às massas.

Essa perspectiva da História Social permite um trabalho no âmbito microestruturante na pesquisa histórica, onde é dada voz aos movimentos de massa que são importantes agentes de construção da história. Essa abordagem da micro história se faz presente na nossa pesquisa, visto que o nosso objeto de pesquisa é fundamentalmente os manifestantes da cidade de Teresina. É extremamente relevante o estudo do perfil desses manifestantes na compreensão dos fatos que ocorreram na capital Teresina que venham elucidar essas manifestações. Uma história que parta de baixo para cima, onde um movimento popular de reivindicação ganha força pretendendo se impor diante de uma política de favorecimento de interesses de uma minoria privilegiada.

Nesse sentido é importantíssima a discussão para a construção do meu trabalho sobre Movimentos Sociais de Eder Sader em seu livro *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo*, onde ele mostra como os movimentos sociais produzem um novo sujeito; um sujeito coletivo; um sujeito diferente do moderno que é um sujeito individualista e racional; Sader mostra o “cotidiano popular”, novos lugares para o exercício da política;

Que são as migalhas das pequenas vitórias das pequenas lutas? São as experiências que os excluídos adquirem de sua presença no campo social e político, de interesses e vontades, de direitos e práticas que vão formando uma história, pois seu conjunto lhes dá a dignidade de um acontecimento histórico. (SADER, 2001, p.12)

É nesse sentido também da ideia da construção de novos sujeitos organizados em torno de uma coletividade, com força de expressão social que E.P Thompson vai definir o conceito de “classe” como algo que não surgiu como o sol numa hora determinada, mas estava presente ao seu próprio fazer-se como um processo ativo e em contínuo desenvolvimento.

Para E.P. Thompson, “classe”, é entendida como um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos desiguais, dessemelhante, e aparentemente desconectados, porém de experiências comuns (homens que articulam seus interesses comuns, contra outros homens cujos interesses diferem e se opõem dos seus). Como se fosse a união de um conjunto de indivíduos diferentes, com profissões diferentes (alfaiates, tecelões, carpinteiros, padeiros, etc), que concorrem todos para um objetivo comum, configurando assim todos esses indivíduos em uma única categoria, ou classe social.

A partir dessa classificação podemos também entender as manifestações na cidade de Teresina como uma aglomeração de indivíduos que participam de classes sociais não totalmente distintas, mas não uniforme em sua totalidade, com indivíduos que realizam atividades distintas, mas que ao se juntarem em prol de uma causa acabam por constituir um grupo com interesses comuns, como a redução dos preços das passagens dos ônibus num primeiro momento, até a reivindicação por uma política mais transparente e menos corrupta que venha atender as necessidades básicas da população num segundo momento. Assim, para E.P. Thompson a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é a sua única definição. Então não se pode entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um período histórico. Para E.P. Thompson a classe é um fenômeno histórico, resultado de relações entre os homens reais em contextos reais:

Classe é uma formação social e cultural que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes. [...] Quando falamos de uma classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando a mesma categoria de interesses, experiências sociais, tradição e sistemas de valores, que tem disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é uma coisa, é um acontecimento. (THOMPSON, 2001. p.169)

É relevante também a historiografia marxista do século XIX que se direcionava para a elaboração de uma história preocupada com o ajuntamento dos aspectos econômicos e dos aspectos sociais. O que haveria de relevante a ser estudado não era certamente a história dos grandes homens, ou mesmo a história política dos grandes estados e das instituições, mas sim a história dos ‘modos de produção’ – isto é, das bases econômicas e sociais que determinariam toda a vida social – e também a história das ‘lutas de classes’, isto é, das relações entre os diversos grupos sociais presentes em uma sociedade particularmente nas suas situações de conflito.

A delimitação de um novo campo a ser chamado de “História Social” surge, portanto sob a forte influência de dois campos de motivação que passaram a exercer profunda influência no seio da historiografia da primeira metade do século XX. De um lado vinham os ataques desfechados pelo grupo dos Annales contra aquilo que consideravam uma “velha história política”, de outro lado começavam a surgir as primeiras grandes obras da historiografia marxista voltado para o econômico e para o social.

Compreender as manifestações na capital Teresina, colocando no palco principal da cena, ou seja, tendo como objeto principal de estudo, pessoas comuns que sozinhas talvez não teriam nenhuma chance de representatividade na sociedade, mas unidas constituem uma força maior, é trabalhar uma história preocupada não apenas com o poder institucional, mas sim com todas as formas de poder que circulam em qualquer sociedade, inclusive os micropoderes que afetam a vida cotidiana e as relações familiares.

Essa construção da história é muito relevante para a elaboração dessa pesquisa, tendo em vista que a análise para a compreensão das mudanças, ou podemos melhor dizer, das conquistas políticas alcançadas pela ala manifestante parte da perspectiva dos micropoderes para os macropoderes, isto é, compreende as propostas e/ou mudanças de leis estabelecidas pelos políticos, partindo dos

anseios, das petições, e das mobilizações das classes baixas, e não dos políticos em si. São os grandes momentos de protesto ou de violência coletiva que tornam visíveis as massas, sendo registrados pela primeira vez por algo que fizeram, e não por algo que fizeram a eles.

1.2 História do Tempo Presente e as Manifestações

Partimos também do pressuposto bem recentemente construído e aceito pela maioria dos historiadores contemporâneos de que à história cabe não somente o estudo do passado, onde caberia ao historiador estar de fora dos fatos em análise, para construir uma história sem a interferência da personalidade deste, que comprometeria a veracidade da produção historiográfica. Portanto entende-se hoje o fazer historiográfico enquanto apoiado na perspectiva do tempo presente, aquele em que é considerada a visão do historiador sobre os fatos em estudo levando em consideração a própria subjetividade do historiador. A essa forma de fazer história a partir da ruptura da visão de que ao historiador cabia trabalhar o passado, o centro de análise não é somente descrever os fatos acontecidos, mas narrá-los e estabelecer possibilidades de leituras, exigindo do historiador capacidade de intervir, sendo o próprio historiador uma testemunha da história da humanidade enquanto presente, passado futuro.

Diante disso fica evidente que é possível fazer uma história do tempo presente. Essa questão é abordada na obra *Questões para a História do presente* de Chaveau e Tétard. O objetivo da obra é além de mostrar os eventuais problemas em se trabalhar uma história do presente, dizer sim, mesmo diante de opositoristas, que se pode fazê-la. Segundo Marieta de Moraes Ferreira, para entender por que a história recente se tornou uma problemática, o ponto de partida para entender esse processo é.

[...] a constatação do triunfo de uma determinada definição de história a partir da institucionalização da própria história como disciplina universitária. Essa definição, fundada sobre uma ruptura entre o passado e presente, atribuía à história a interpretação do *passado* e sustentava que só os indivíduos possuidores de uma formação especializada poderiam executar corretamente essa tarefa. (FERREIRA, 2000).

Marieta de Morais Ferreira também ressalta e que é de grande valia para minha pesquisa é que:

É preciso lembrar que a história dos fatos recentes nem sempre foi vista como problemática. Na Antiguidade clássica, muito ao contrário, a história recente era o foco central da preocupação dos historiadores. Para Heródoto e Tucídides, a história era um repositório de exemplos que deveriam ser preservados, e o trabalho do historiador era expor os fatos recentes atestados por testemunhos diretos. Não havia, portanto nenhuma interdição ao estudo dos fatos recentes, e as testemunhas oculares eram fontes privilegiadas para a pesquisa. (FERREIRA, 2000)

Voltando a obra *Questões para a História do presente* é importante destacar o uma colocação de Jean-Pierre Rioux.

Essa história, de fato, pode ser feita com testemunhas vivas, [...] pode ajudar a distinguir talvez de forma mais útil do que nunca o verdadeiro do falso. Pois se ela tem como missão, como toda história digna deste nome, mostrar a evidência científica das verdades materiais diante do esquecimento, da amnésia ou do delírio ideológico, (pensemos, por exemplo, nos que negam as câmaras de gás), ela sem dúvida está mais apta a explicar do que a verdade estatística da enumeração, da qual somos tão apreciadores; ela não evita ver em ação a verdade psicológica da intenção, a humilde verdade do plausível, a força da questão da memória sobre o curso do tempo. Um vibrato do inacabado que anima repentinamente todo um passado, um presente pouco a pouco aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas; é um pouco isto, a história de presente. (RIOUX, 1999, p. 49-50)

Esse capítulo *Pode-se fazer uma história do presente?* não poderia terminar de forma mais adequada. Rioux finaliza justamente colocando a história do tempo presente, caracterizando-a como qualquer outra história digna deste nome. Ou seja, fica mais do que claro que mesmo diante de certos problemas em se trabalhar com uma história recente, isso também traz suas vantagens. E é em cima desta perspectiva que trabalho minha pesquisa, de que essa história, de fato, pode ser feita com testemunhas vivas, e conseqüentemente pode ajudar a distinguir talvez de forma mais útil do que nunca o verdadeiro do falso.

Até bem pouco tempo pensava-se em uma história centrada em grandes fatos, recorrendo quase que hegemonicamente a uma história política. Acreditava-se ser possível chegar à verdade dos acontecimentos, sendo, portanto necessário ao historiador manter uma distância crítica na análise das fontes em estudo, evitando qualquer envolvimento que viesse a comprometer a sua escrita. Entende-se, no entanto, que a história para ser escrita partindo da perspectiva do presente, é uma

história centrada na narrativa dos fatos, onde o historiador tem uma maior liberdade de análise, apresentando maior autonomia, onde seu interesse mais que o estudo do passado é compreender os fenômenos presentes. Assim: "... a história não era apenas como se diz hoje com frequência, a análise dos fenômenos passados, a narrativa daquilo que ocorreu; ela era essencialmente, a análise das mudanças e a compreensão do presente" (MULLER, *apud* FERRO, 1989, p. 19). Ainda para Muller:

É preciso acima de tudo entender aqui que na história do tempo presente o determinante não é o momento no qual se deu o acontecimento a ser estudado, mas sim a importância que ele adquire ao ser analisado, a luz que ele poderá dirigir ao presente, iluminando-o para sua compreensão (MULLER, in PORTO 2007. p 28).

Em se tratando das fontes a serem trabalhadas, elas não estão dadas, prontas para reconstruir um passado, mas são escolhidas para reconstruir algo que estava perdido, para responder a um problema. O presente aqui estudado torna-se passado não pelo seu distanciamento do presente em que vivemos, mas pela construção que o historiador faz de seu objeto de estudo, imprimido a maneira de olhar, ler e sentir as fontes e pela crítica que faz ao presente.

Entender as manifestações na cidade de Teresina é então compreender os fatos, atribuindo a esses, significados e representações, apresentando uma leitura a partir de questionamentos traçados pelo historiador e respondidos a partir de seu olhar sobre o passado, presente e futuro. Não cabe a nós historiadores fornecermos uma resposta precisa a uma dada questão, pois o objeto de pesquisa parte da necessidade de colocar nossas próprias questões e de tentar respondê-las segundo nossas próprias regras.

Concluimos que vale ressaltar a grande contribuição da História Social para a elaboração de minha pesquisa, uma vez que a História Social contribui para dar visibilidade e voz às massas e aos indivíduos da sociedade. Dos conceitos trazidos pelo autor Sader, em que os movimentos sociais produzem novos sujeitos, sujeitos coletivos, sujeito esse diferente do moderno que é individual. Da contribuição de E.P. Thompson quando classifica "classe", como um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos desiguais, dessemelhante, e aparentemente desconectados, porém de experiências de homens que articulam seus interesses comuns, contra outros homens cujos interesses diferem e se opõem dos seus. A História do Tempo Presente com Chaveau e Tétard por vez também foi

extremamente relevante para se pensar a construção dessa história tão recente na cidade de Teresina, construída a partir de testemunhas vivas.

1.3 Contexto Nacional

O Brasil vive um momento importante de sua história. Nunca mais se viu um clamor e mobilização popular tão intenso em prol de uma questão política desde três décadas atrás. “O Gigante acordou”. O Brasil de então vive um momento histórico em que se vê um povo indo às ruas não somente “por vinte centavos, mas por vinte milhões de motivos”. Vinte milhões de motivos esses que em visão mais geral podem ser resumidos em uma política pública brasileira mais transparente e menos corrupta, em que possa haver educação, saúde, segurança e melhores condições de vida mais igualitária para quem está cansado de ver suas contribuições pararem nas meias e cuecas e, diga-se de passagem, contas bancárias, de uma minoria que deveria estar lutando pela melhoria do bem comum.

O movimento que atingiu o Brasil em junho de 2013 teve um início bastante modesto se comparado às dimensões ganhadas posteriormente. Depois de um pequeno grupo de estudante de São Paulo formados a partir da inspiração de um movimento que nasceu em Florianópolis, o MPL – Movimento Passe Livre – que luta pela estatização das empresas de transporte e a gratuidade das passagens – uma turba bem maior de indivíduos foi ganhando forma e conquistando o espaço público das ruas para apresentar suas indignações que foram bem mais do que apenas reivindicar pela redução dos preços da tarifa do transporte público.

O clamor popular que atingiu as ruas e rapidamente se espalhou por todo território brasileiro, abarcando todos os seus estados, mostrava sem sombra de dúvidas uma insatisfação generalizada da população brasileira que não se vê representada pelos seus governantes. Cansados de verem tantas disparidades no sistema político brasileiro, onde os políticos parecendo morar em outro universo, não cumprem o seu papel de fazer valer os direitos mais básicos do cidadão brasileiro, tendo eles, no entanto todas as regalias dignas de um rei, com todas as benéncias de ocuparem um cargo que os proporcionam salários bem acima dos da imensa maioria do “povo comum”, além de, é claro, se apropriarem desses cargos para tirarem todas as vantagens quantas possíveis, tanto de forma legal quanto ilegal, beneficiando a si e a seus parentes, foram às ruas manifestar seus anseios.

“Não é por 20 centavos, é por 20 milhões de motivos. Esse país está todo errado”. Esta frase dita por Livia Magri Alcaldi Soares – Advogada de São Paulo - uma dos 119 brasileiros de oito cidades ouvidos por Veja representa perfeitamente o que levou às ruas milhares de pessoas. A indignação é pelo atual estado de “coisas” – para representar toda a diversidade existente – a que estão submetidas as pessoas, por políticos despreocupados com a causa comum, com o bem do povo. A voz que vem das ruas é a da carência de serviços públicos decentes, que clama pela punição da corrupção, é a insatisfação com os impostos sufocantes, os gastos públicos abusivos, a corrupção escancarada, a impunidade absurda, a criminalidade desenfreada, a repressão policial, a educação vergonhosa, a saúde precária, a economia frágil, os políticos ineficientes. O preço do transporte público foi apenas a gota que faltava para o ‘copo’ transbordar, para diluir a paciência do povo.

“A luta não é por 20 centavos. É por direitos”. Essa frase fartamente compartilhada nas redes sociais também apresenta fortes indícios dos motivos daqueles que foram às ruas. A frase que termina incompleta é esclarecedora em mostrar a pluralidades dos interesses do povo: “É por direitos”. É pela vontade de desfrutarem daquilo que lhes foi privado, e por que não dizer que lhes foi roubado, já que todos pagam impostos e esses não lhe são retornados dignamente, vista a precariedade dos serviços que lhes são prestados.

Cansados de não se sentirem representados pelos partidos e representantes políticos, as pessoas foram às ruas gritar contra “os males” que há muito vêm atingindo-os. Foram muitas as reivindicações levantadas pelos cartazes dos manifestantes. E para mostrar essa multiplicidade de vozes elencarei abaixo as frases que considero mais significativa na representação dos anseios gerais de uma grande parcela de brasileiros nessas manifestações. Essas frases foram publicadas na revista Veja edição 2326 de 19 de junho 2013, ao longo de 28 páginas de uma reportagem especial de capa intitulada de *Edição Histórica: Os sete dias que mudaram o Brasil*, e são de pessoas das mais variadas idades que participaram dos movimentos de rua em pelo menos oito cidades brasileiras diferentes. Essas pessoas em locais diferentes, realizando atividades distintas, com idades várias, chamadas a dar seu depoimento sobre o que as levou às ruas e os motivos que alegam para continuar protestando, contribuíram grandemente para compreensão do quadro geral que caracteriza as aspirações do povo de um modo geral:

Os 20 centavos de aumento do ônibus foram só a gota d'água para eu e minha família irmos à rua para lutar contra a roubalheira e a corrupção. (**Manuela Freitas**, Estudante, 20 anos, Rio de Janeiro). (Veja. 26/jun/2013, p70).

Minha motivação nunca foi a passagem de ônibus, até porque não ando de transporte público. A razão principal é lutar contra a corrupção. (**Caroline Luzzato**, Médica, 29 anos, Porto Alegre). (Veja. 26/jun/2013, p73).

Cada um luta pela causa que achar mais importante. Simples assim, há problema para todo mundo atacar. (**Noé Yoitito**, engenheiro biomédico, 25 anos, São Paulo). (Veja. 26/jun/2013, p79).

Parece briga de casal. Você vai acumulando os problemas, um dia não aguenta mais e vem tudo à tona. (**David Sancha**, Advogado, 29 anos, Rio de Janeiro). (Veja. 26/jun/2013, p71).

Metrô, ônibus, ciclovias, hospitais e a segurança devem funcionar como em um país civilizado. Que a vida seja mais suave para todos. (**Luciano Huck**, apresentador, 41 anos, São Paulo). (Veja. 26/jun/2013, p72).

A minha principal bandeira é contra a PEC 37. A quem interessa tirar o poder de investigação do Ministério Público? Só aos políticos corruptos. (**Elias Costa e Silva**, empresário, 67 anos, Recife). (Veja. 26/jun/2013, p78).

É uma palhaçada. Todo esse dinheiro para os estádios, e as escolas sem carteira, sem lápis e a população sem saída. (**Vanessa Garcia**, empresária, 27 anos, São Paulo). (Veja. 26/jun/2013, p80).

Quero mudanças na política, na educação e na saúde. As pessoas se engajam, e isso me deu motivação para participar. (**Thais Sottili**, estudante de psicologia, 24 anos, Porto Alegre). (Veja. 26/jun/2013, p87).

Quero que meu filho de 8 anos tenha, no futuro, um país melhor do que eu tive para viver. (**Lucília Mesquita**, auxiliar administrativa, 32 anos, Brasília). (Veja. 26/jun/2013, p88).

Os governantes achavam que a gente ia aceitar os 20 centavos e ficar quieto, eu vim para que eles acreditem que não é só por isso, há muito mais. (**Paulo Ricardo**, Bancário, 21 anos, São Paulo). (Veja. 26/jun/2013, p91).

Vim entender o que cada grupo quer dizer. Como cada um pede alguma coisa, fico curioso para saber onde isso vai dar. (**Denílson da Silva**, estudante de direito, 38 anos, São Paulo). (Veja. 26/jun/2013, p90).

Fica bem evidente aqui, que a manifestação inicial que requeria a diminuição da tarifa do transporte público foi apenas o início de uma série de reivindicações. Fica claro que boa parte do povo brasileiro compartilha de um sentimento comum que os impulsionaram a lutar contra a corrupção. Não é, portanto, um único direito e um único mal que está em voga; são muitos direitos a conquistar, são muitos males a sarar. É por essa diversidade de questões que pessoas de todas as idades, cor, condição social, foram às ruas querendo respostas às suas demandas. Não se pode pensar nas manifestações de junho como um acontecimento propondo apenas aquela petição inicial do Movimento Passe Livre, tanto é que após terem atingido o seu objetivo, o MPL saiu do movimento que continuou com uma série de novas e sucedidas reivindicações. O que se constata também é que embora não houvesse uma homogeneidade de interesses no que se refere aos motivos que levaram as pessoas a participarem dos protestos, assim como aos cartazes levantados nas

ruas, os interesses de um modo geral, convergiam para um ponto comum: repudiavam a corrupção escancarada dos políticos, e a falta de assistência básica em serviços públicos como saúde, educação e segurança.

As manifestações gritavam contra a inflação, a política econômica de Dilma, as regalias e mordomias e impunidades dos políticos, contra a PEC 37, contra o superfaturamento na construção dos estádios, pela filha de 14 anos, referindo-se a um futuro melhor para as próximas gerações. Há aqueles que foram às ruas por entenderem que se tratava de um momento histórico para o Brasil, sentindo-se parte do processo de construção da história desse país, e queriam, portanto se sentir orgulhosos de fazerem parte do movimento.

Pode aqui e acolá aparecer algum curioso como o Denílson da Silva, da última frase listada acima que disse “*Vim entender o que cada grupo quer dizer*”. A verdade é que o mesmo sentimento de rejeição na forma como os políticos governa esse país, atingiu brasileiros de norte a sul, leste a oeste, impelindo-os às ruas e instigando-os a levantarem suas bandeiras numa tentativa de fazer transparecer seus anseios que vão muito além da redução dos 20 centavos da passagem de ônibus. O que as pessoas querem é mostrar que estão insatisfeitas com a forma que é tratado o dinheiro público. Que estão cansados de serem (mal)tratados nas filas dos hospitais públicos. Eles querem serviços de qualidade, atendimento de qualidade. Querem mostrar que não se conformam como esse pífio desenvolvimento educacional brasileiro, com escolas mal estruturadas e um sistema educacional que precisa de reformas. Querem um Brasil a altura de seu desenvolvimento econômico.

O movimento apropriou-se amplamente do poder de ação das redes sócias para organizar os protestos. As redes também serviram para dar um caráter mais universal ao movimento. Serviu como meio para apresentar as insatisfações dos percussores, e foi agregando mais pessoas e conseqüentemente mais reivindicações, e assim serviu favoravelmente para uma divulgação maior e mais rápida. As mídias em geral contribuíram para a divulgação e conseqüente expansão do movimento.

A despeito de tantas reivindicações dos brasileiros por todo o território nacional, e a demonstração de que o movimento não é apenas um faz de contas, mas algo realmente sério, grandioso e que pretende continuar até que suas aspirações sejam realmente levadas a sério por parte dos políticos, Dilma Rouseff vai à rede nacional fazer um pronunciamento para apresentar “possíveis” soluções

para os problemas em cartazes. Fica abaixo os principais pontos da fala da presidente Dilma aos brasileiros e aos seus anseios.

Todos nós, brasileiras e brasileiros, estamos acompanhando, com muita atenção, as manifestações que ocorrem no país. [...] Como presidenta, eu tenho a obrigação tanto de ouvir a voz das ruas, como dialogar com todos os segmentos. [...] Os manifestantes têm o direito e a liberdade de questionar e criticar tudo, de propor e exigir mudanças, de lutar por mais qualidade de vida, de defender com paixão suas ideias e propostas, mas precisam fazer isso de forma pacífica e ordeira. [...] **As manifestações dessa semana trouxeram importantes lições: as tarifas baixaram e as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional. Temos que aproveitar o vigor destas manifestações para produzir mais mudanças, mudanças que beneficiem o conjunto da população brasileira.** [...] A minha geração lutou muito para que a voz das ruas fosse ouvida. Muitos foram perseguidos, torturados e morreram por isso. **A voz das ruas precisa ser ouvida e respeitada**, e ela não pode ser confundida com de todos os brasileiros, dos que se manifestam e dos que não se manifestam. A mensagem direta das ruas é pacífica e democrática. **Ela reivindica um combate sistemático à corrupção e ao desvio de recursos públicos.** [...] **Esta mensagem exige serviços públicos de mais qualidade. Ela quer escolas de qualidade; ela quer atendimento de saúde de qualidade; ela quer um transporte público melhor e a preço justo; ela quer mais segurança. Ela quer mais. E para dar mais, as instituições e os governos devem mudar.** [...] Irei conversar, nos próximos dias, com os chefes dos outros poderes para somarmos esforços. Vou convidar os governadores e os prefeitos das principais cidades do país para um grande pacto em torno da melhoria dos serviços públicos. [...] **O foco será: primeiro, a elaboração do Plano Nacional de Mobilidade Urbana, que privilegie o transporte coletivo. Segundo, a destinação de cem por cento dos recursos do petróleo para a educação. Terceiro, trazer de imediato milhares de médicos do exterior para ampliar o atendimento do Sistema Único de Saúde, o SUS.** [...] Precisamos oxigenar o nosso sistema político. Encontrar mecanismos que tornem nossas instituições mais transparentes, mais resistentes aos malfeitos e, acima de tudo, mais permeáveis à influência da sociedade. É a cidadania, e não o poder econômico, quem deve ser ouvido em primeiro lugar. [...] **Quero contribuir para a construção de uma ampla e profunda reforma política, que amplie a participação popular.** [...] **Precisamos muito, mas muito mesmo, de formas mais eficazes de combate à corrupção.** [...] Eu quero repetir que o meu governo está ouvindo as vozes democráticas que pedem mudança. Eu quero dizer a vocês que foram pacificamente às ruas: eu estou ouvindo vocês! E não vou transigir com a violência e a arruaça. Será sempre em paz, com liberdade e democracia que vamos continuar construindo juntos este nosso grande país. (DILMA, 2013. grifo meu).

A presidenta Dilma Rouseff em seu pronunciamento em rede nacional motivado pela grande turbulência evocada pelo povo brasileiro diante das insatisfações do seu governo foi marcada pela tentativa de mostrar ao povo a sua grande preocupação em atender às petições dos manifestantes. A presidenta deixa

bem claro que está acompanhando tudo de perto, e que irá tomar medidas urgentes e imediatas para concertar o mais prontamente possível os problemas dos sistemas de atendimento público. Dilma enfatizou a importância da liberdade de expressão e o caráter democrático dos protestos, colocando-se a favor do direito das pessoas de se manifestarem, assim como ela mesmo coloca que em seu tempo a sua geração lutou muito para que a voz das ruas fosse ouvida, sendo que muitos foram perseguidos, torturados e morreram por isso, e portanto, a voz das ruas precisa ser ouvida e respeitada. Sua crítica, contudo é contra a violência e os episódios de vandalismo observados em alguns deles, não aceitando a violência e a arruça.

O que precisa ser mais de perto analisado nessa declaração nacional da presidente Dilma Rouseff é que foi preciso o movimento tomar conta de todo o nosso país para que todos os problemas da administração pública fossem de fato reconhecidos e necessitem de urgentes reformas. O que fica bem claro é que o problema há muito tempo já vinha se arrastando no meio político, porém nunca se pensou em fazer nada realmente concreto para que esses problemas fossem concertados. A postura da presidente em declarar todo um arsenal de programas para dirimir os problemas voltados ao povo é mais uma certeza de que esses problemas realmente existem, e os governantes sabiam disso, só não se dispunham a discuti-los minimamente com os setores da sociedade.

O diálogo que a presidente promete ter com todos “os segmentos” da sociedade só se concretizou com a revolta nas ruas. As necessidades em oferecer melhores transportes públicos só foram reconhecidas depois das manifestações! Por que não antes? E a saúde pública. Percebeu-se somente agora que necessita ser melhorada? E nossa educação. Nunca tinham reparado que precisa de reformas? A presidente diz que precisa oxigenar o nosso sistema político. Como assim? Queria ela admitir que o sistema esteja morto? Precisa de oxigênio, de um novo fôlego, de uma nova vida? É evidente que todas essas questões não eram de jeito nenhum desconhecidas daqueles que tinham a obrigação de fazê-lo funcionar em sua mais perfeita normalidade. Ainda segundo ela é preciso encontrar mecanismos que tornem nossas instituições mais transparentes, e que os governos devem mudar.

A fala de Dilma é a mais pura evidência da sua consciência de como o Brasil estava precisando de profundas reformas, ao mesmo tempo em que assinala a sua cumplicidade e passividade diante de todos esses problemas. Mostra abertamente a

sua não intervenção no sentido de eliminar todos esses problemas. A intervenção vem apenas após o clamor popular.

1.4 Quadro Geral dos Manifestantes

Já se sabe que as pessoas que foram às ruas são as mais diversas possíveis – crianças, jovens, adultos, idosos. De classes sociais variadas. Das mais variadas profissões – estudantes, professores, médicos, advogados, administradores, engenheiros e por aí vai. Também já se sabe que não lutavam por uma única causa, mas por causas – no plural. Os manifestos iniciados pelo Movimento Passe Livre rapidamente tomou conta de todo o Brasil ganhando uma dimensão multifacetada expandindo os protestos para demais setores da sociedade que passaram a lutar não somente pela redução das tarifas de ônibus. Queremos a partir de agora fazer uma análise mais específica do perfil desses que foram às ruas e quais suas principais reivindicações. Para isso nos apoiaremos em dados divulgados pela revista Veja edição 2327 – ano 46-nº26 / 26 de junho de 2013.

No quadro1: *O que pensam as ruas* (Veja. 26/jun/2013 p.69), uma pesquisa realizada entre a quarta (19.06.2013) e quinta (20.06.2013) pelo Departamento de Inteligência e Pesquisa de Mercado Abril com 9088 pessoas em todo Brasil via internet, a revista apresenta as principais bandeiras levantada nas ruas, os partidos mais condenados, as instituições mais enfraquecidas e o perfil dos entrevistados. Ver Resumo abaixo:

Quadro 1: O que pensam as ruas.

AS PRINCIPAIS BANDEIRAS					
53%	49%	45%	38%	28%	23%
Corrupção	Não à PEC 37	Melhora na Educação	Melhora no Sistema de Saúde	Prisão para os políticos envolvidos em corrupção	Contra os gastos da Copa do Mundo
OS GRANDES PERDEDORES					

59%		20%			
Partidos Políticos		A imagem do Brasil para o mundo			
OS PARTIDOS MAIS CONDENADOS					
33%		4%		58%	
PT		PSDB		Todos	
AS INSTITUIÇÕES MAIS ENFRAQUECIDAS					
70%	58%	49%	47%	26%	24%
Congresso Nacional	Governo Federal	Governos Municipais	Governos Estaduais	Igrejas	Polícia
O PERFIL DOS ENTREVISTADOS					
IDADE		ESCOLARIDADE		RENDA	
50 anos ou mais..... 31%		Superior Completo até doutorado61%		Classe A..... 29%	
40 a 49 anos.....22%		Superior Incompleto ..23%		Classe B..... 55%	
30 a 39 anos.....21%		Médio Incompleto.....13%		Classes C, D, E16%	
15 a 29 anos.....25%					
ENTRE OS QUE PARTICIPARAM DE AO MENOS UMA MANIFESTAÇÃO					
100% pretendem voltar às ruas					
ENTRE OS QUE NÃO CAMINHARAM EM PROTESTOS					
99% são a favor					

Fonte: Veja. ed. 2327 / 26.jun.2013

Dos milhares de brasileiros que foram à rua em todo território nacional percebe-se que a grande maioria são jovens – entre 15 a 39 anos – representando um total de 46% do contingente. A classe média e alta representam juntas 84% dos participantes dos protestos. Os que possuem grau de escolaridade de nível superior completo ou incompleto e doutorado 84%. Os de 50 anos para cima ainda representam uma boa parcela desse grupo – 31%. Esses dados só deixam claro o que já vem sendo tratado nas páginas dessa pesquisa: que os manifestantes são desde jovens até idosos, todas essas faixas etárias compreendidas entre essas duas tiveram sua representação dentro do movimento.

Entre os envolvidos no movimento estão pessoas que em sua maioria pertencem à classe média 55% e alta 29%. Esses dados nos revelam que muitas dessas pessoas que provavelmente não se utilizavam do serviço de transporte público estavam ali justamente pelo caráter múltiplo das manifestações que ia muito

além do que a reivindicação pela redução dos 20 centavos. Eram pessoas que lutavam por melhorias em nosso país como um todo, abrangendo as várias áreas dos setores administrados pelo governo e entidades estaduais e municipais. Esses dados comprovam, portanto esse aspecto múltiplo das petições.

Entre pelo que mais reivindicam está em primeiro lugar contra a corrupção seguido pela não aprovação da PEC – Proposta de Emenda Parlamentar – 37, aquela que reduziria o poder de investigação do Ministério Público. Depois vêm as bandeiras a favor de uma melhor educação, e o anseio do povo de verem os políticos corruptos de fato pagando pelos seus crimes na prisão e o último dado levantado foi a revolta contra os gastos da Copa do Mundo. A política, ou melhor, a má gestão política é, como se vê, a grande causa da imensidão que alcançou esse movimento. O principal motivo que levou milhões de pessoas às ruas em todo o Brasil foi não só da corrupção na política, mas a má qualidade de oferta de serviços públicos. A pesquisa ainda coloca que entre os que participaram de ao menos uma manifestação 100% pretendem voltar às ruas, e entre os que participaram dos protestos 99% são a favor. Isso mostra uma total entrega e apoio do povo brasileiro a esse movimento.

Também em pesquisa realizada pelo Datafolha durante protesto no dia 20 de junho de 2013, a corrupção é o principal motivo de manifestantes em São Paulo. Apesar de a principal pauta das manifestações em São Paulo ter sido a redução das tarifas do transporte público, o principal motivo de participação foi a luta contra a corrupção. Veja:

Metade dos entrevistados citou a corrupção como a principal bandeira. Em seguida aparecem queda na tarifa (32%), contra os políticos (27%), melhora na qualidade do transporte (19%) e contra a PEC 37 (16%) --a soma dá mais de 100% porque puderam citar mais de um motivo. [...] A pesquisa, entrevistou 551 manifestantes durante toda a manifestação na Avenida Paulista. (O Dia. 22/jun/2013, p.04)

Já quanto a quem participou dos movimentos a pesquisa informa que:

O perfil dos manifestantes traçado na pesquisa mostra que a maioria é homem (61%), tem nível superior (78%) e não possui nenhum partido de preferência (72%). Outra característica comum era a predominância do transporte público como forma de locomoção. O mais utilizado pelos manifestantes é o metrô (79%), seguido do ônibus (64%), trem (21%) e do carro (20%). Em média, os manifestantes lutavam para que a tarifa fosse de R\$ 2,00 – 46% pediram que chegasse no máximo a este valor. A próxima

causa do MPL (Movimento Passe Livre), a tarifa zero, foi defendida por apenas 25% das pessoas. (O Dia. 22/jun/2013, p.04)

Quando questionados sobre a posição ideológica em que se encaixa, 32% se apontaram como extremos liberais e 29%, liberais. A participação conversadora, embora minoritária, foi expressiva: 20% se viram desta maneira. 2% se disseram extremos conservadores.(O Dia. 22/jun/2013, p.04).

Embora as pesquisas tenham sido realizadas uma a nível nacional – a da revista Veja – e outra a nível apenas regional, no caso a cidade de São Paulo – a do Datafolha – apresentam dados semelhantes, o que mostra que de fato existia um padrão mais ou menos homogêneo dessas manifestações. Ambas apontam como a principal causa que levou as pessoas às ruas, a corrupção, aproximadamente 50% em ambos os casos foram às ruas protestar contra a corrupção. Também estiveram em ambas as pautas, a PEC 37, a saúde e educação, descrédito nos políticos, entre outras.

Lya Luft – escritora e colunista da revista Veja – expressa muito bem essa dimensão que tomou o movimento, como pode ser percebido em um de seus artigos publicados em Veja:

Não se trata apenas de centavos em passagens, mas de respeito. [...] As reclamações da multidão nas ruas são tão variadas quanto nossas mazelas. [...] As vozes dizem NÃO: não aos ônibus sujos e estragados, impontuais, motoristas sobrecarregados; não as escolas fechadas ou em ruínas; não aos professores e médicos impotentes, estradas intransitáveis, medo dentro e fora de casa. Não a um ensino em que a palavra “excelência” chega a parecer abuso ou ironia. Não ao mercado persa de favores e caros em que transformam nossa política, não aos corruptos às vezes condenados ocupando altos cargos, não ao absurdo número de partidos confusos. (VEJA, ed 2328. p24)

Percebemos também pelas palavras de Maycon Freitas – jovem que reuniu milhares de pessoas em manifestação no Rio de Janeiro – que o motivo que o impulsionou a participar dos protestos não foi somente pelos 20 centavos, afirmando que “o aumento da passagem do ônibus foi só a gota d’água que fez transbordar o copo, um copo cheio de insatisfações” declara ainda que “Não podemos entrar para a história como um povo que lutou por centavos, o que queremos é uma democracia melhor” (Veja, ed. 2328. p 17).

Esses dados deixam claro que existe uma unanimidade em aceitar o movimento como múltiplo em suas aspirações, onde as pessoas em suas mais

diversas faixas etárias e classes sociais lutavam por causas diversas que concorriam para uma política mais eficiente e sem corrupção, instituições transparentes que possam atender as mínimas necessidades básicas da população, ou seja, lutavam por uma democracia que pudessem contemplar seus direitos assegurados.

2. CONQUISTAS DAS MANIFESTAÇÕES

Até agora se fez um relato detalhando dos protestos de junho trazendo as principais características e apontando os principais agentes responsáveis pelo movimento desde o seu início com a mobilização do Movimento Passe Livre – MPL – que lutava pela redução do preço das passagens de ônibus e melhor sistema de transporte, até a generalização que o movimento tomou em todo o território nacional na luta por uma política justa e sem corrupção, que pudesse oferecer ao povo brasileiro serviços públicos de qualidade. Foram apresentadas também as principais bandeiras que foram defendidas nas ruas, o perfil dos manifestantes: quem eram e a qual classe social pertenciam. Pretenderemos então fazer uma análise das mudanças que esse movimento imprimiu dentro das instituições políticas. Quais foram as principais conquistas que caracterizaram esse momento importante do Brasil é o que se pretende esse capítulo.

Primeiramente é preciso ressaltar que não é possível abarcar todas as mudanças possíveis, tendo em vista que determinadas mudanças só ocorrerão em longo prazo. Há muita história ainda a ser desenvolvida em consequência desse movimento popular. Não pode se esperar que um movimento tão abrangente como foi, possa de imediato trazer todas as respostas ou mudanças aclamadas pelo povo. Talvez seja preciso esperar anos para compreender e contemplar de fato todas as conquistas que vieram, vêm e virão com o advento desses protestos.

Outra ressalva quanto as possíveis conquistas dos protestos de junho de 2013 é o fato de nós precisarmos compreender até que ponto as aspirações do povo vão ser atendidas. As vozes pronunciam demandas reais, gritaram por muitas mudanças, porém não forneceram soluções. As soluções vêm de cima, dos governantes, e não se sabe até que ponto as propostas apresentadas pelo governo possam ser significativas para estabelecer solução adequada às todas as demandas. Não queremos aqui desconsiderar essas possíveis conquistas, pelo contrário temos plena consciência do efeito positivo das manifestações. Depois de junho, a vida política não será mais a mesma, ainda que demore a mudar. Queremos apenas ressaltar que as possíveis conquistas não irão deixar a nossa política as mil maravilhas, nem que os políticos de uma hora pra outra deixarão de serem corruptos, ou que a situação das ofertas de serviços vai ser melhorada imediatamente, de uma hora pra outra.

Feitas todas essas considerações queremos agora apontar e analisar as principais conquistas que as manifestações alcançaram. *Não é que funciona mesmo? Em poucos dias, os protestos conseguiram a façanha inédita de fazer o Congresso aprovar projetos contra a corrupção, os governos reduzirem tarifas e o Judiciário mandar um político para a cadeia. O grito dos manifestantes acordou os três poderes.* Essa reportagem de capa da revista Veja edição 2328 de 3 de julho de 2013 já aponta para algumas conquistas em virtude do grito dos manifestantes. “Ainda mais, depois de provar por A + B que o aumento das passagens era indispensável, a prefeitura paulistana, apavorada, provou por A + B que não era, e cedeu a quem chamava de baderneiros”, expressa J.R.Guzzo em sua crônica *Brasil Nervoso* (Veja. ed 2327 p.134).

O que se vê aqui é que os governantes e o magistério empenham-se em atender as demandas. Precisou apenas poucos dias de protestos para que os poderes atendessem anseios antigos dos brasileiros, e essa rápida resposta dos poderes deixa bem clara uma constatação, a de que de fato essas coisas poderiam ser feitas, essas demandas poderiam ser atendidas, ao mesmo tempo que nos reporta um questionamento: Porque afinal não fizeram antes? Por que precisou milhares de pessoas irem às ruas com seus cartazes, bandeiras e gritos para que esse atual sistema de coisas tivesse de fato seu espaço no debate político? A partir de tudo isso se vê assuntos polêmicos ou que se encontravam travados na pauta do parlamento repostos em debate e postos em votação, com decisões em favor das bandeiras mais visíveis em meio às multidões nas ruas.

Analisemos agora questão por questão. Como já vimos segundo uma pesquisa realizada pela revista Veja, o grito de NÃO a PEC 37 foi um dos temas mais levantados pelos manifestantes ficando em 2º lugar com 49% das questões em foco, ficando apenas atrás da corrupção com 53%. É isso mesmo, a proposta de emenda constitucional que ameaçava reduzir com o poder de investigação do Ministério Público foi amplamente levantada pelos manifestantes em seus cartazes para que não fosse sancionada. Segundo Veja, havia dois anos e dezessete dias que ela dormia nos escaninhos do Congresso e na semana foi derrubada pelo impressionante placar de 430 votos contra 9. (Veja ed 2328 p. 56,57). A limitação da atuação do Ministério Público era vista pela opinião pública como uma diminuição dos mecanismos de combate à corrupção no país. Inúmeros manifestantes por todo o Brasil gritavam contra a PEC o que foi decisivo para a impossibilidade de sua

aprovação. Tão somente após duas semanas de protestos, a proposta de emenda entrou em votação, demonstrando uma disposição do congresso em prestar mais atenção ao que eles estão decidindo para o futuro do país. Uma primeira conquista então de combate a corrupção foi então vencida com essa votação tão acentuada a favor da não aprovação da PEC 37.

Também por decisão do Senado Federal, foi aprovado um projeto que qualifica a corrupção e outros delitos contra a gestão pública como crime hediondo. Nessa pauta estão a PEC 6/2012 que exige "ficha limpa" para ocupação de cargos comissionados e funções de confiança, e as PECs 53/2011 e 75/2011 que prevê a pena de demissão para juízes e promotores condenados por corrupção. Mais ainda, a Comissão de Constituição Justiça e Cidadania da Câmara dos Deputados, aprovou nesta quarta-feira (26) a proposta de emenda à Constituição que acaba com o voto secreto nas votações em plenário para perda de mandato de deputados e senadores. A matéria não institui o voto aberto nas demais.

Em todos esses casos o que se vê é uma intervenção do executivo e legislativo em setores amplamente cobrados pelos manifestantes pedindo um basta à corrupção. Vemos esses poderes aos poucos cederem às pressões populares. Além do mais já estava na hora de punir a corrupção dolosa como crime hediondo, afinal haveria algum tipo de corrupção não dolosa? Mas o que mais incomoda é saber que só depois que o povo foi para a rua, percebeu-se que a corrupção é um crime horrendo. Só endureceram as punições a criminosos políticos por conta de manifestação popular. Isso expressa claramente a descrença da população no motor da máquina pública, se aqueles que roubam não são, ou eram, punidos como deveriam. Fato é que essas manifestações imprimiram uma onda de mudanças na postura dos políticos em promover mudanças no seio de sua organização. A aprovação da lei da ficha limpa para cargos comissionados e de confiança e as PECs 53 e 75 de combate à corrupção aos promotores e juízes representa uma extensão da lei da ficha limpa para políticos, e demonstra uma consolidação em eliminar qualquer forma de corrupção nos vários setores dos três poderes.

Continuando com essa onda de combate a corrupção o poder Judiciário levou à prisão o deputado federal de Rondônia Natan Donadon, eleito pelo PMDB e que tinha sido condenado por participar de um esquema que desviou recursos públicos na Assembleia Legislativa de Rondônia. Segundo Veja, Donadon, condenado por desvios de recursos públicos em 2010 continuava exercendo seu mandato até agora

(no caso junho do ano passado). Na quarta-feira (26/06/2013), o Supremo Tribunal Federal julgou o que veio a ser o seu último recurso e determinou a prisão imediata do parlamentar. (Veja, ed 2328. p.57). O parlamentar foi condenado a treze anos de prisão pelos crimes de peculato (desvio de dinheiro público para proveito próprio ou alheio) e formação de quadrilha. Depois de se entregar a polícia na sexta-feira (28/06/2013), Donadon foi encaminhado diretamente à Penitenciária da Papuda, no Distrito Federal.

Temos ainda o exemplo do governador do Rio de Janeiro – Sérgio Cabral – flagrado em uso abusivo da coisa pública, caso do helicóptero que costumava usar para passar os fins de semana em sua casa em Mangaratiba com a mulher, dois filhos, duas babás e o cachorro de estimação Juquinha, além de usá-lo também para transportar até lá cabeleireiras, médico, prancha de surfe e amigos dos filhos. Cabral chega a gastar R\$ 312 000,00 mil por mês, ou 3,8 milhões por ano. Diante dessas denúncias, a rua do governador foi ocupada na quinta-feira (03-07-2013) por 400 manifestantes que empunhavam cartazes de “Fora, Cabral” (Veja, ed 2329, p 59).

Essa reação do povo fez Cabral pedir desculpas à população e assinar um decreto proibindo o que todos já sabem há muito ser proibido: o uso da coisa pública para finalidade privada (Veja, ed 2353 p. 113). Cabral encerra o ano como um dos governadores mais impopulares do país. No entanto, mesmo depois do pedido de desculpas e da assinatura do decreto reafirmando a proibição da coisa pública para fins particulares, o jornal Folha de São Paulo, em outubro, fez uma denúncia de mais uma vez o uso do helicóptero para levar a família de Cabral para passear na casa de praia. Fica entre nós o questionamento de que algumas leis ou iniciativas de políticos criarem leis, ou projetos de leis, que minimizem os problemas postos em evidências pelas manifestações, sejam apenas meios de manobra para mostrarem serviço, tentando se mostrarem favoráveis aos anseios da população apenas para limparem de si essa imagem negativa absorvida pelo povo, sendo que pelo fim das contas continuam por trás da cortina que os separa do povo, com as mesmas práticas corruptas de antes das manifestações.

Já na questão sobre o uso de jatos da FAB – Força Aérea Brasileira – por políticos, temos o exemplo do deputado Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara em Natal, do partido PMDB-RN, que ao ser flagrado pela *Folha de São Paulo* transportando oito pessoas entre parentes de amigos para o Rio de Janeiro para assistir o jogo do Brasil na Copa das Confederações, fez a devolução aos

cofres públicos de pelo menos R\$ 9 700,00 (Veja ed 2329 p57). Além dele foram flagrados pelo mesmo motivo – uso de jatinhos da FAB para fins pessoais – Garibaldi, primo de Henrique Alves, que usou o avião para ir ao mesmo jogo da Copa das Confederações, e já declarou que irá ressarcir o dinheiro, e Renan Calheiros que usou o avião para ir ao casamento da filha de um colega na Bahia prometeu devolver R\$ 32 000,00 reais aos cofres públicos. Todas essas são sem dúvida reações decorrentes do que vem acontecendo nas ruas de todo o Brasil que clama por melhor uso de dinheiro público e maior transparência no uso da máquina pública.

Nesse primeiro momento de conquistas, entendemos que a tomada das ruas pela população possibilitou a mudança de posição dos poderes em relação a triste realidade da política brasileira, que é a tentativa de dar uma basta aos altos índices de corrupção. Pressionados pelas manifestações populares, políticos resolveram acatar uma série de demandas dos eleitores como vimos até agora. Senado aprovando lei que torna a corrupção em crime hediondo; a Câmara aprovou o fim do voto secreto em processos de cassação; o presidente da Câmara dos Deputados Henrique Eduardo Alves determinando a imediata abertura do processo de cassação do deputado Natan Donadon e, a rejeição da proposta de emenda constitucional que retirava poderes do Ministério Público para realizar investigações criminais. Tudo isso assinala um aspecto positivo das manifestações no campo de combate à corrupção.

É sabidamente entendido que não é possível abarcar aqui todas as mudanças ocorridas na maioria das cidades. O que pretendemos é mostrar a partir dos exemplos citados, a postura que assumiu os políticos em apressar-se em aprovar tão rapidamente projetos engavetados e que já deveriam ter sido votados há muito tempo. Pretende-se também aqui expor as propostas de novos projetos que pelo desgaste do poder maior, igualmente teriam que ter sido consideradas tempos antes. Queremos mostrar como depois de os um milhão de brasileiros em protestos contra a má qualidade dos serviços públicos e a corrupção irem às ruas, tiveram suas vozes ouvidas. O que está em voga nesse capítulo é precisamente mostrar a mobilização dos parlamentares em promover mudanças rápidas na forma como tratavam as propostas de leis, priorizando agora de fato questões mais reais às necessidades do povo, focando agora problemas que afligem os brasileiros que

trabalham e pagam impostos altíssimos, recebendo em troca serviços públicos de padrões duvidosos.

Entre as conquistas oriundas dos protestos temos também a rejeição do projeto que ficou conhecido como “cura gay”, oficializada pela Câmara dos Deputados dia 10 de julho de 2013, após o projeto ter sido retirado de pauta no dia 02 de julho de 2013 a pedido do autor da proposta, o deputado João Campos (PSDB-GO), que com o clamor das manifestações temia ter grande rejeição na votação, e uma vez que ela fosse votada somente mais tarde, poderia ter mais chances de ter uma aprovação positiva. Em suma o texto, aprovado na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Casa - presidida pelo pastor Marco Feliciano (PSC-SP) - previa a revogação de uma resolução do Conselho Federal de Psicologia, em vigor desde 1999, que impedia tratamento a quem tenta mudar a orientação sexual, e de tratar a homossexualidade como doença.

Na prática o clamor popular fez com que Dilma Rouseff no dia 28 de junho de 2013, se reunisse com representantes dos gays, bissexuais, travestis, transexuais e lésbicas, no Palácio do Planalto. Na reunião, os representantes do segmento pediram o apoio do governo para impedir a aprovação do projeto sobre a "cura gay", assim como reivindicaram a implementação de medidas que criminalizam a homofobia. Além do que, como já foi dito, o projeto de lei foi rejeitado no dia 10 de julho de 2013, mostrando uma vitória significativa para a ala dos movimentos homossexuais.

Entre as conquistas decorrentes do clamor público, está sem dúvida a revogação dos preços da tarifa de transporte público. Em sua declaração pública visando propor melhorias nas áreas de maior reivindicação, Dilma declarou que iria convidar os governadores e os prefeitos das principais cidades do país para um grande pacto em torno da melhoria dos serviços públicos, visando a elaboração do Plano Nacional de Mobilidade Urbana, em benefício do transporte coletivo. Depois de mais de duas semanas de protestos intensos a presidente da República, governadores e prefeitos baixaram tarifas de transporte e congelaram os preços dos pedágios (Veja, ed 2328 p.57). De acordo com o site cartacapital.com.br:

Brasília - Com as manifestações em todo o país, pelo menos sete cidades vão reduzir as passagens do transporte público até o mês que vem: João Pessoa (PB), Recife (PE), Cuiabá (MT), Porto Alegre (RS) Pelotas (RS), Montes Claros (MG) e Foz do Iguaçu (PR). As reduções vão de R\$ 0,05 a R\$ 0,15 no valor das tarifas. Os governantes utilizarão reduções nos

impostos para baixar os valores. Em Pernambuco, Eduardo Campos reduziu o preço da passagem de ônibus na Grande Recife. A redução será R\$ 0,10 para todos os anéis. Em João Pessoa, o prefeito Luciano Cartaxo anunciou a redução de R\$ 0,10 na tarifa de ônibus na capital paraibana. O valor passará de R\$ 2,30 para R\$ 2,20 a partir do dia 1º de julho. Cuiabá vai reduzir em R\$ 0,10 a tarifa do transporte coletivo. O novo valor, R\$ 2,85, passará a valer a partir da meia-noite de quarta-feira (19). Em Pelotas haverá redução de R\$ 0,15 e o novo valor R\$ 2,60. A redução ocorreu por meio de decreto assinado pelo prefeito, Eduardo Leite. O prefeito de Montes Claros, Ruy Muniz, tomou a decisão de reduzir a tarifa em R\$ 0,10. A partir de domingo (23), a redução passa a valer na cidade e a passagem passará de R\$ 2,40 para R\$ 2,30. Nas cinco cidades, a redução foi possível devido à Medida Provisória (MP) 617, de 31 de maio de 2013, do governo federal, que zera o Programa de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PIS/Pasep) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) incidentes sobre a receita da prestação de serviços de transporte coletivo de passageiros. Já em Porto Alegre, o prefeito José Fortunati, disse que vai enviar à Câmara Municipal um projeto de lei para reduzir a tarifa para R\$ 2,80. A tarifa na capital gaúcha era R\$ 3,05 e atualmente está fixada em R\$ 2,85 por decisão liminar da Justiça. A redução em Foz do Iguaçu será R\$ 0,05, segundo publicação no portal da prefeitura. Na última sexta-feira (18), prefeito Reni Pereira, anunciou durante a visita do governador Beto Richa (PSDB) à cidade o novo preço da passagem, que passa a valer ainda esta semana. Para o passageiro que usa o cartão eletrônico e que atualmente paga R\$ 2,60, vai gastar R\$ 2,55. Já para quem paga a tarifa com dinheiro, o valor será rebaixado de R\$ 2,90 para R\$ 2,85.(TOKARNIA, 2013. www.cartacapital.com.br/)

Sem dúvidas não foram essas as únicas cidades no Brasil a baixarem os preços da passagem de ônibus urbano, sem falar nas próximas que seguirão essa iniciativa. Essa atitude das prefeituras mostra uma preocupação das autoridades em dar respostas a esse clamor público, e mostram sim a possibilidade de fazer essa redução frente àquela condição de antes, de que era impossível a redução.

Na área da educação e da saúde os parlamentares aprovaram o projeto de lei que destina 100% dos recursos dos royalties do petróleo. Ainda para a saúde, a presidente anunciou o plano para a contratação de milhares de médicos estrangeiros a fim de ampliar o atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) – o “Mais Médicos”. Essa medida gerou forte resistência por parte da classe médica.

Fica aqui a constatação de que os movimentos sociais de fato têm grande poder de influência, quando a população se une em prol de uma causa, ou de causas. Bastaram milhares de pessoas irem às ruas gritar seus direitos e mostrarem que não estão satisfeitos com o rumo com que os poderosos conduzem a administração pública desse país, que os poderes prontamente movimentaram-se para atender os anseios do povo. O que vimos aqui foi a agitação pública como recurso possível e a retomada das ruas como instrumento viável de mobilização

política no país. O povo deixou bem claro o que pretendia, coube aos poderes procurar entender essas demandas e tentar, mesmo que minimamente, atender essas demandas ecoadas pelos gritos dos revoltosos.

3. AS MANIFESTAÇÕES NA CIDADE DE TERESINA

Após apresentar o contexto geral e nacional das manifestações populares que ocorreram em todo o Brasil, nos reportaremos agora especificamente a uma cidade em particular, a capital piauiense Teresina. Tendo em vista que antes mesmo das jornadas de junho do ano passado que teve início em São Paulo a pretexto da redução das tarifas de ônibus e que se alastrou pelos mais recônditos cantos da Brasil, Teresina já havia protagonizado movimento semelhante que também lutava pela redução das passagens urbanas e igualmente apresentou atos de protesto nas ruas com depredações do patrimônio público, fazendo-se necessário antes de abordamos o ano de 2013, trazermos à luz dos fatos, os acontecimentos que caracterizaram o ano de 2011 e 2012. Para isso nos utilizaremos como vemos nos utilizando até aqui das fontes jornalísticas, no caso de Teresina, iremos utilizar como fonte para esse trabalho, o jornal o Dia.

Iremos nos limitar aqui a entender os seguintes pontos já elencados na introdução desse trabalho: Quais os motivos que levaram os teresinenses a irem às ruas protestar, quem foi às ruas, quais os efeitos dessas reivindicações no aspecto político e social, que vantagens essas reivindicações estabeleceram na vida das pessoas, que postura assumiu as autoridades diante dos protestos, mobilizaram-se a apresentar soluções?

3.1 Teresina e as Manifestações em 2011

Nesse sentido encontramos no editorial do Jornal o Dia, 30 de agosto de 2011, alguns pontos que podem responder as questões do parágrafo anterior, observados no trecho a seguir.

O dia de ontem foi marcado por protestos contra o aumento da passagem de ônibus. [...] levou pelo menos mil pessoas à Avenida Frei Serafim [...] os manifestantes, a maioria estudantes secundaristas e universitários. [...] O objetivo do movimento é pedir não apenas a revogação do reajuste, mas ainda a redução do valor para R\$ 1,75 – determinado pelo Ministério Público no início do mês, e a municipalização do transporte público da capital. (O Dia, 30 ago. 2011, p. 6)

A reportagem nos apresenta elementos importantes para o entendimento de como foi o movimento dos protestos de Teresina em 2011. Segundo ele, pelo menos

mil pessoas tomaram as ruas de Teresina na Avenida Frei Serafim. De lá rumaram para o palácio da Cidade onde esperavam ser ouvidos por representantes do poder público municipal. Não conseguindo esse diálogo marcharam até o Setut – Sindicato das Empresas de Transporte Urbano de Teresina. Depois disso os manifestantes realizaram a operação “Catraca Livre”, onde entravam nos ônibus e pulavam a catraca para não pagarem a passagem e mobilizar os passageiros a também participarem dos próximos manifestos. O movimento contou com o corpo estudantil da cidade, demonstrando que os jovens teresinenses estão ativos na luta pelos seus direitos. Eles também questionam a falta de transparência na análise dos custos apresentados pelo Setut, assim como a ausência de investimentos na melhoria da infraestrutura de transporte urbano, como construção de abrigos nas paradas e de terminais de integração. (O Dia, 30 ago. 2011, p6.). A reportagem finaliza com a posição positiva do colunista a favor sim das manifestações, argumentando que é necessário cobrar do poder público, mais transparência na definição de custos do transporte coletivo, e investimentos que ficam apenas do discurso e não saem do papel, que são, terminais de integração e paradas de ônibus adequada ao perfil climático de Teresina. E mais, diz que “Ainda que o valor da passagem não seja reduzido, ficará a lição de que o povo já não se deixa enganar, e nem fica calado”.

O que se evidencia é que o povo de Teresina está descontente com os péssimos serviços de transporte público que lhes são prestados a preços que não condizem com a qualidade. Além do mais, a falta de transparência nos dados apresentados pelo Setut é outro motivo que levaram as pessoas irem às ruas. Isso mostra um povo desacreditado nas instituições política e sindical, gerado, sobretudo pela falta de clareza da apresentação dos dados quanto às despesas do transporte. O povo quer ver serviço de qualidade, mais conforto e mobilidade com paradas de ônibus adequadas ao clima de Teresina e terminais de integração para facilitar o deslocamento da população. Os jovens estudantes foram entre outros, os mais presentes nesse protesto de 29 de agosto de 2011.

O dia 29 de agosto de 2011 em Teresina foi marcado por um intenso confronto entre os manifestantes e a polícia e motorista de ônibus que queriam furar o bloqueio feito por estudante. Seis pessoas foram detidas e uma chegou a ser atropelada e ferida na mão como pode ser observado no trecho e imagens de Jailson Soares e Raoni Barboza a seguir.

Por volta de 13h20, um ônibus da empresa Santana (que faz a linha Miguel Rosa – Porto Alegre), de número 2080 e placa LVG 2062, atropelou o estudante Soro Mauel do DCE da Universidade Federal do Piauí. Ele ficou com a mão ferida porque não quis sair da frente do ônibus tentando impedir sua passagem. [...] Após o atropelamento, os demais estudantes, revoltados, apedrejaram os demais ônibus que estavam parados atrás. [...] Seis estudante foram detidos por apedrejarem ônibus, mas no início da noite foram liberados por falta de provas. Centenas de pessoas foram à Central de Flagrantes pedir a soltura dos jovens. (O Dia/ caderno Em Dia 30/ago/2011, p. 1)

É possível destacar de início que o que motivou mesmo esses protestos em Teresina foi a má qualidade de serviços públicos de transporte ofertados a população, além de uma planilha de custos mal apresentada pelo Sindicato das Empresas de Transporte Urbano de Teresina – Setut, sendo a gota d'água a assinatura do decreto de aumento da tarifa a pedido das empresas de transporte e assinado pelo prefeito Elmano Férrer no dia 24 de agosto de 2011, o que gerou uma rápida mobilização de pessoas, que no dia 29 de agosto de 2011 tomaram as ruas de Teresina. O fato de centenas de pessoas irem até a Central de Flagrantes pedir a soltura dos 6 detidos nos protestos mostra uma postura favorável da população às manifestações.

Esses atos organizados, sobretudo pela classe estudantil de Teresina fizeram representantes da prefeitura se reunirem na noite do dia 31 de agosto na sede do Ministério Público Estadual com os líderes dos movimentos e promotores de Justiça. Depois de uma tensa reunião os líderes do movimento declararam que não pararão com os protestos até o prefeito Elmano Férrer não se posicionar. Os representantes da Prefeitura Municipal de Teresina na reunião declararam que a prefeitura já está fazendo uma auditoria nas planilhas que determinam o valor da tarifa e que, caso a mesma aponte que os preços alegados pelas 13 empresas que integram o setor estejam superfaturados, o prefeito Elmano Férrer retornará o valor para R\$ 1,90. (O Dia. 1/set/2011. p.05).

Figura 1: PROTESTO: Estudantes tomam a Frei Serafim e interrompem o trânsito. PM usou spray de pimenta e balas de borracha



Fonte: O Dia, Caderno Em Dia, 30/ago/2011, p.01

Figura 2: FORÇA: Seis jovens estudantes foram levados pela Polícia a Central de Flagrantes



Fonte: O Dia, Caderno Em Dia, 30/ago/2011, p.01

As figuras 1 e 2 revelam a ação da polícia em aplicar spray de pimento num grupo de pessoas aparentemente sem demonstrar nenhuma reação. Outra imagem mostra uma pessoa sendo escoltada pela polícia. Essas imagens mostram o caráter também conflituoso dos movimentos entre os protestantes e a polícia.

Entre as postagens nas redes sociais sobre os protestos estão as seguintes: “#ContraOAumento”; “Essa planilha do SETUT é uma farsa! Pagamos caro por um serviço péssimo! # Contra O Aumento”; “E os terminais de integração? A única integração que existe mesmo é entre a PMT e o SETUT, E o povo paga! # Contra O Aumento”; “Se eles sabem avaliar planilhas de custo saberão avaliar as condições dos ônibus e das paradas. É justo o que se paga?”.

Segundo o jornal O Dia (Caderno Em Dia 30 de agosto de 2011 p1.) O principal objetivo era mobilizar a sociedade a tentar um diálogo com a Prefeitura Municipal de Teresina para que seja revogado o decreto que determina o reajuste de 10,53% que eleva o preço das passagens em 0,20 centavos – de R\$ 1,90 para R\$ 2,10. Participaram do movimento estudantes, trabalhadores e representantes de movimentos sociais da capital. A participação de estudantes universitários e secundaristas foi fator significativo para o movimento, tendo em vista terem uma grande representatividade dentro dos protestos.

A tática dos estudantes de sair às ruas e ocupar espaços públicos foi o caminho para que o poder público municipal olhassem suas reivindicações e parasse para ouvir seus gritos de guerra. Deu certo! Reunião com os principais representante do movimento foi feito e a prefeitura mostrou-se atenta aos pedidos dos protestantes ao afirma que medidas estão sendo tomadas para analisar os reais gastos das empresas que integram o transporte público de Teresina, e possíveis mudanças poderão ser feitas na revogação do aumento da tarifa.

É preciso ressaltar, sobretudo que nada de concreto de fato ainda foi feito. Essa reunião com representante da Prefeitura de Teresina é mais do que razoável num momento tão delicado com protestos que a cada dia vem causando uma desordem na cidade com comércios fechados, ônibus depredados, pessoas sem conseguir chegar ao trabalho ou levar seus filhos à escola. Os manifestantes dão sinal de que não vão parar. A prefeitura precisa o quanto antes apresentar soluções concretas se pretende ter o normal funcionamento da cidade. A reportagem de capa de “O Dia” de 02 de setembro de 2011 apresenta bem essa situação, como pode ser observado a seguir:

Fora de controle, o movimento inicialmente promovido por estudantes da capital com objetivo de lutar pela redução da tarifa de ônibus terminou ontem com mais coletivos quebrados, sendo um deles incendiado, vias interrompidas, motoristas coagidos, usuários sem transporte, comércio

fechado, população amedrontada e ruas tomadas por uma onda de excessos. (O Dia, 02/set/2011 p.1)

Essa mudança de foco, ao invés de caminhar para a busca de uma solução equilibrada que atenda aos anseios de todos, está representando uma completa desordem pública. No entanto, o prefeito de Teresina Elmano Férrer, na tarde do dia 02 de setembro assina a suspensão temporária por 30 dias, com possibilidade de ampliar por mais 30 dias, do decreto que aumentava o reajuste das passagens, até que seja concluído um trabalho de verificação e análise de todos os dados na planilha de custo apresentada pelos empresários.

Figura 3: ELMANO assina a suspensão dos efeitos do decreto que gerou protestos e muito tumulto



Fonte: O Dia, caderno Em Dia, 03/set/2011, p.03

É preciso também destacar outra consequência positiva depois da onda de protestos que vem atingindo Teresina desde o dia 29 de agosto de 2011. É que a Câmara de Vereadores de Teresina decidiu formar uma Comissão para acompanhar o sistema de transporte de Teresina. Oito membros (parlamentares) irão analisar a planilha de custo do Setut e ainda acompanhar e fiscalizar o sistema de transporte da capital. Mesmo sem competência para estipular o preço das passagens, por ser uma atribuição exclusiva do prefeito desde a Lei Orgânica do Município, podem acompanhar esse processo e facilitar o diálogo entre as partes. Além dessa auditoria

o prefeito admitiu iniciar um processo de negociação com o governador do Estado para isentar ou reduzir os impostos sobre produtos pneus, peças e combustíveis. “O governador Wilson Martins se dispõe a discutir a questão. Com isenções, a passagem pode cair para R\$ 1,60”. (O Dia 03/set/2011, p. 03).

Isso representa sem dúvida um avanço dos manifestantes que foram às ruas, ocuparam as principais vias da cidade, quebraram ônibus e, foram à Câmara Municipal pedir apoio aos vereadores. Diante dessas atitudes, o gestor municipal recuou e voltou atrás na sua decisão após esses cinco dias intensos de manifestações. Para os estudantes isso foi uma grande conquista. “Conseguimos! Os estudantes unidos jamais serão vencidos”, gritavam os estudantes ao receberem a notícia da suspensão do prefeito. (imagem de Josiel Martins).

Figura 4: VITÓRIA: Estudantes comemoram decisão do Prefeito



VITÓRIA Estudantes comemoram decisão do Prefeito

Fonte: O Dia, Caderno em Dia 03/set/2011p.6

Ao som de “Tempos Perdidos”, música do grupo Legião Urbana, os estudantes gritavam palavra de ordem: “Derrotamos, derrotamos os grandes”. “Ah! Que é isso Teresina tá tomada. Ah! Que é isso Teresina tá tomada! É a Frei Serafim! É a Ponte Estaiada! Teresina está tomada!” (O Dia. caderno Em Dia, 03/set/2011, p6.). Assim se pronunciou o estudante Cássio Borges – presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Piauí (DCE / UFPI):

É uma vitória do movimento. Hoje (sexta-feira), é uma data de muita alegria para todos os meninos e meninas, homens e mulheres que encabeçaram o movimento são vitoriosos; Estamos todos aqui comemorando a plenitude da democracia brasileira. Felicidade total pela conquista do Movimento Estudantil.[...] Na quinta foram mais 14 mil estudantes e hoje (ontem) estamos toda a Frei Serafim com mais de 30 mil. (O Dia / caderno Em Dia, 03/set/2011, p6.)

Esse depoimento mostra o poder da força de uma classe unida em torno de uma causa. Do tímido número de pessoas participantes do primeiro dia protestos (29/ago/2011), pelo menos mil pessoas, têm-se agora já no seu quinto dia, um expressivo número de 30 mil pessoas pelo menos. Infere-se que o movimento cresceu rapidamente, alcançou um número expressivo de pessoas a favor da causa, e coagiu o poder público a debater o assunto, promover reunião com os líderes do movimento, e apresentar propostas de mudanças que venham a minimizar os problemas decorrentes da má oferta dos serviços de transporte na capital Teresina. O estudante Cássio ainda afirma que continuarão com as discussões em torno do sistema de transporte em Teresina e que nesses 30 dias irão acompanhar de que modo serão feitos estes trabalhos de fiscalização propostos pela prefeitura e continuarão mobilizados contra as irregularidades da planilha. (O Dia / caderno Em Dia, 03/set/2011, p6.)

Os protestos de 2011 em Teresina mostraram entre outras coisas que cada vez que a população se mobiliza e sai às ruas, um recado muito claro é dado aos governantes: o povo não se conforma com o estado de coisas que estão vivendo. O povo não vai se deixar enganar com informações mal repassadas e, sempre que necessário estará pronto para lutar por aquilo que lhes é de direito. Uma atitude da parte do prefeito de Teresina, ElmanoFérrer, de aumentar a tarifa de transporte público na capital no dia 27 de setembro de 2011, despertou meteoricamente uma turba de pessoas já insatisfeitas pelos maus serviços que lhes eram prestados, e sem pensar duas vezes, tratou logo de convocar via internet pessoas que lutassem

pela causa, chegando a reunir no primeiro dia de manifestações pelo menos mil pessoas, e no quinto dia, mais de trinta mil. Algo realmente extraordinário. Os estudantes se mostraram fundamentais para o sucesso das manifestações. O que pretendíamos aqui nesta primeira parte do terceiro capítulo desse trabalho foi mostrar um pouco do perfil desse movimento assim como de seus agentes, aqueles responsáveis pela sua efetivação, e os desdobramentos que vieram com ele, como a posição assumida pelas autoridades, e as possíveis conquistas que o movimento trouxe para os teresinenses, o que acredito ter correspondido.

3.2 As Manifestações em Teresina na Passagem de 2011-2012 e início de 2012.

Passados quatro meses do início dos protestos em Teresina, o processo de melhoramento do transporte público da capital continua em andamento. Entre as reivindicações que estava em pauta no meio dos manifestantes estavam os terminais de integração para facilitar o deslocamento da população. Esse sistema de integração facilita a vida daqueles que pagam dois ou três percursos para chegar até o local de destino, que agora passará a pagar no segundo percurso apenas meia passagem. A prefeitura de Teresina já está providenciando junto a Setut a confecção dos cartões eletrônicos – que são indispensáveis para um sistema de transporte integrado em Teresina, e sem o qual a pessoa não se beneficiará do sistema – que só irão estar disponíveis e serão adquiridos pela população a partir de janeiro de 2012.

A integração das linhas de ônibus, tão cobrada pela população, tem previsão de início de funcionamento a partir do dia 02 de janeiro de 2012 e segundo o jornal O Dia, a integração será iniciada em 33 das 92 linhas ativas em Teresina, o que representa 35% do total. A maioria dessas 33 linhas só vai integrar com outras duas linhas específicas, precisando o usuário estar atento e saber com que linha seu ônibus pode associar e quais os pontos de integração. (O Dia 23/dez/2011, p. 04). A linha Universidade será a mais abrangente, integrando-se com outras 11 linhas. Em seguida em termos de abrangência vem a linha Poty Velho – Frei Serafim / Acarape que integrará com outras 9 linhas.

Há de se destacar que essa maior integração ofertada a linha Universidade pode ter sido estratégica uma vez que foram os estudantes os maiores responsáveis pela difusão e dimensão dos protestos que tiveram início em agosto de 2011. Desde

o início eles estiveram presentes nas ruas, nas reuniões com os representantes do poder público e no acompanhamento das ações tomadas pela prefeitura e pelo Setut. Percebe-se aqui que embora a integração tenha sido de 33%, pouco menos que a metade, e que a maioria vai integrar apenas com outras duas linhas, já é uma grande conquista oriunda dos protestos. Há aqui uma ação por parte dos representantes do poder em apresentar e efetivar as melhorias que foram reivindicadas pela população.

E não para por ai como podemos ver a atuação do prefeito Elmano Férrer em reportagem de O Dia:

O prefeito Elmano Férrer assinou ontem convênio com a Caixa Econômica Federal para a duplicação e asfaltamento da Avenida Nicanor Barreto, zona Leste da cidade. A obra terá 4 km de extensão, pista em dois sentidos e canteiro central em pedra português e será mais um corredor de tráfego de Teresina. Elmano Férrer destaca que é mais uma obra de infraestrutura que vai melhorar o acesso à diversos bairros e zona rural Leste da cidade. “Será um grande investimento para melhorar o trânsito na área do Vale do Gavião, onde foram construídos vários conjuntos habitacionais e também para diversas localidades da zona rural”. (O Dia, Caderno Em Dia 17/dez/2011, p2.)

Além da duplicação e asfaltamento da Avenida Nicanor Barreto, a prefeitura de Teresina amplia as obras de melhoramento de suas ruas urbanas como as das vias de acesso à Ponte Estaiada, que além de trazer segurança, trará uma maior fluidez no trânsito da região que será finalizado com a sinalização de trânsito (placas e faixas) em toda a área. (O Dia, Caderno Em Dia 17 dez/2011, p2). Entre as medidas tomadas pela prefeitura de Teresina para o melhoramento do fluxo de veículos na capital destaca-se também a duplicação de faixas exclusivas para ônibus e táxis com passageiros, além de câmeras em toda a extensão da Frei Serafim (O Dia 28/dez/2011, p.06). Outras mais específicas como a implantação de um semáforo no balão da Tabuleta que interliga a Avenida Barão de Gurguéia, PI 130 (a partir da Avenida Henry Wall Carvalho) e BR 316. (O Dia 28/dez/2011, p.02)

De fato são bem perceptíveis as ações desencadeadas pela prefeitura para amenizar os problemas envolvendo o transporte público, e que sem dúvida foram decisivas as ações de protesto que a capital sofreu para que essas medidas fossem tomadas.

Com a integração que teve início no dia 02 de janeiro 2012 também veio uma nova onda de protestos que igualmente aos de setembro / agosto de 2011 foi

bastante intenso. Pretenderei na análise desse evento de início de 2012 fazer uma discussão mais concisa e sintética tendo em vista o carácter bem semelhante desses protestos com aqueles ocorridos em 2011. Até para não elaborar um trabalho redundante e repetitivo, não deixando é claro de reconhecer que existem particularidades nesses dois eventos, e tendo em esclarecido que para a finalidade de nossa análise, nos concentraremos apenas nos pontos comuns que interessa para o recorte de nosso tema, que é compreender as manifestações em Teresina a partir de uma exposição geral do movimento com todas as circunstâncias advindas dos protestos, que são as conquistas dos manifestantes e dos desdobramentos políticos de respostas às petições reivindicadas.

O Editorial “Reprise Indesejada” publicado no jornal O Dia em 04 de janeiro de 2012 expressa como se deu esse reinício de manifestações na capital piauiense:

Ontem (03), os estudantes de Teresina mais uma vez foram às ruas, em protesto contra o aumento da tarifa de ônibus urbano na capital e o modelo de integração iniciado na última segunda-feira (02). Como nos protestos de setembro, também contra o aumento da passagem, o movimento começou com adesão de poucos estudantes, que caminharam pelas avenidas do centro de Teresina chamando a atenção do poder público. [...] Mesmo com um número reduzido de estudantes na manifestação, como em setembro, houve confronto com a Polícia Militar e estudantes ficaram feridos e foram detidos. Teresina assistiu uma reprise do que aconteceu em setembro, quando a resposta da Polícia Militar ao protesto estudantil no lugar de favorecer o diálogo e a negociação, gerou ainda mais revolta e conflito e fez o movimento ganhar fôlego. Resta saber, dessa vez, se precisamos de todo o caos experimentado antes para que as partes realmente negociem. De um lado os estudantes argumentam que a intenção é conscientizar a população quanto à forma de implantação do sistema de integração das linhas de ônibus de Teresina e promete novos protestos para o início de fevereiro, quando os estudantes secundaristas, fortes usuários de transporte da capital, voltarão às aulas. (O Dia. 04/jan/2012, p.06)

Percebe-se que o protesto é mais uma vez predominantemente estudantil, com uma clara consciência de identidade estudantil, com uma expectativa de união entre os estudantes universitário com os secundaristas, que acreditam os primeiros, que com a união com os segundos, terão um movimento mais forte. A questão pelo que lutam é igualmente o aumento das passagens que passaram desde o dia 02 para R\$ 2,10. Com um elemento novo no sistema de transporte público em Teresina a causa dos protestos também é contra o modelo de integração implantado na capital. Os estudantes alegam que a cobrança de meia passagem no segundo percurso da viagem é desnecessária e serve apenas para aumentar os lucros das empresas de ônibus.

Está em pauta também nessas manifestações de janeiro de 2012 a integração total dos terminais da linha de ônibus. Diante dessa situação o prefeito Elmano Férrer pronunciou-se dizendo que “os reclames da população estão sendo levados em consideração. Dentro de seis meses, esperamos integrar todas as linhas e eliminar o pagamento da segunda passagem”. (O Dia 05/jan/2012, p.06). Resta saber se essa é somente uma promessa para tentar conter os protestos, visto que para isso, o prefeito precisaria da isenção de impostos concedidos pelo estado e que foi negada pelo governador Wilson Martins, precisando a prefeitura ou tentar uma nova negociação como afirmou o prefeito, que irá conversar novamente com o governador, ou encontrar outras alternativas para solucionar esse impasse. O governador Wilson Martins declarou: “Não existe a menor possibilidade do Estado abrir mão da única receita segura e da qual temos controle, que é o ICMS. Além disso a tarifa e transporte público é de responsabilidade do município, e não do Estado”. (O Dia 05. jan. 2012, p.01).

O terceiro dia de protestos, dia 04 de janeiro, contou com pelo menos 300 pessoas, e de acordo com integrantes do Fórum em Defesa do Transporte Público, que reúne várias entidades da sociedade civil, anunciou que os protestos vão continuar até que a Prefeitura de Teresina suspenda o reajuste da tarifa, e permita que a integração seja totalmente gratuita quando o passageiro pegar o segundo ônibus. (O Dia 05/jan/2012, p.06). Durante toda a tarde desse dia, o trânsito da Frei Serafim ficou totalmente parado, com veículos tendo que usar vias alternativas para seguir seu destino. Como podemos ver nas imagens abaixo, as ruas estão totalmente ocupadas por manifestantes, alguns mascarados. Várias bandeiras sendo erguidas, várias faixas sendo estendidas. Uma das faixas traz a frase “Ideais são a prova de bala” Vê-se na imagem um uma pessoa pichando um ônibus. A pichação diz que 2,10 é roubo e traz também o símbolo do anarquismo – um A envolto em um círculo. Há ainda pessoas passeando de skate.

Figura 5: Passageiros abandonam ônibus e seguem a pé



Fonte: O Dia 05/jan/2012, p.06.

A revolta da população também é contra a má qualidade com que os serviços são prestados, como podemos perceber no depoimento do líder estudantil Leonardo Maia: “As manifestações é uma demonstração da revolta da população contra os serviços de péssima qualidade prestados pelas empresas de transporte coletivo da capital. As empresas estão a serviço dos empresários e não da população”. (O Dia 05/jan/2012, p.06).

Depois de três semanas de protestos o prefeito Elmano Férrer recebe na sede da Prefeitura Municipal de Teresina, na manhã do dia 18 de janeiro de 2012, os representantes dos segmentos estudantis, sindicais e partidários que vem realizando os protestos contra o reajuste da tarifa de ônibus e pela gratuidade na segunda passagem no sistema de integração de ônibus de Teresina. O resumo dessa reunião que durou 12 horas de negociação é o seguinte:

Ficou decidido que o sistema de transporte público de Teresina terá todas as linhas integradas num prazo de 3 meses, a meia passagem que vinha sendo cobrada no segundo trecho da integração será extinta num prazo de trinta dias, haverá a licitação para definir as empresas que terão concessão pública para atuar na cidade, será criado um grupo de trabalho para discutir regularmente o funcionamento do sistema e os passageiros terão 1h30 para ter direito à gratuidade em percursos de até oito quilômetros e de 2 horas para percursos maiores. (O Dia 19/jan/2012, p.01)

Esses pontos foram anunciados na noite do dia 18 pelo prefeito Elmano Férrer após as negociações. Além dessas medidas e diante da impossibilidade de revogar o reajuste da tarifa que atualmente é de R\$ 2,10, a Prefeitura Municipal comprometeu-se em não realizar novos reajustes durante este ano.

Segue abaixo um registro fotográfico que mostra a reunião de 12 horas que põe fim ao impasse. Reunião essa que teve início às 8 horas do dia 18 de janeiro de 2012 entre o prefeito Elmano Férrer, assessores, representantes da Justiça, do Ministério Público, da Câmara Municipal e entidades estudantis e sindicais. Depois de mais de 12 horas de reunião, chegou-se a um acordo.

Figura 6: Reunião de 12 horas põe fim ao impasse

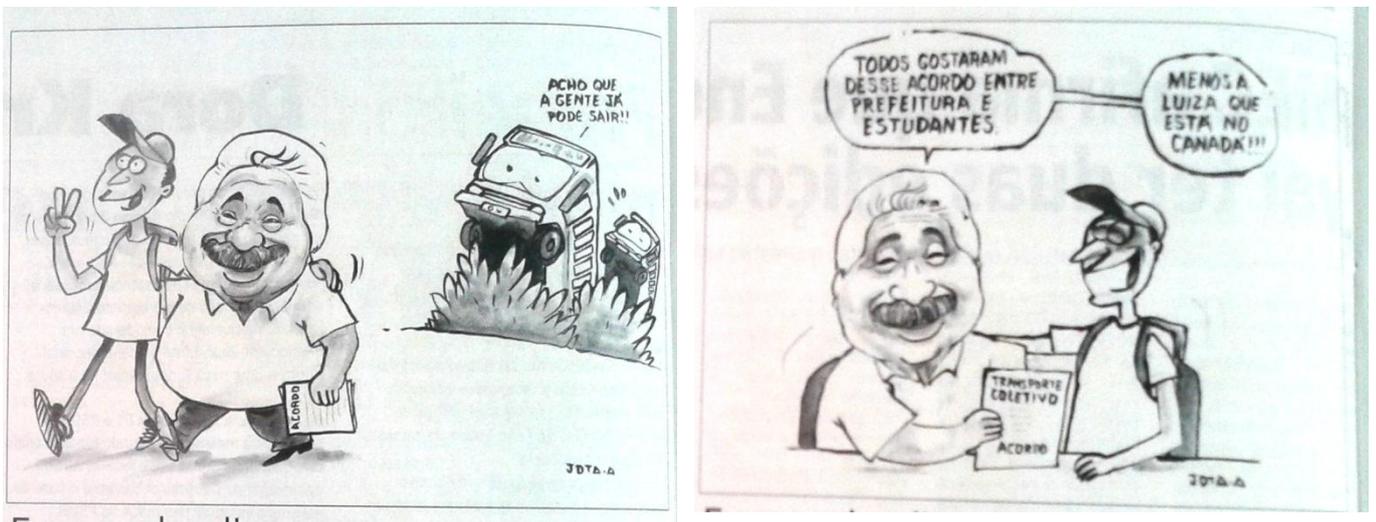


Fonte: O Dia. 19/jan/2012, p.01

Essas decisões tomadas pela Prefeitura de Teresina foram tidas como positivas pelas alas reivindicantes. O representante dos estudantes, Deolindo Moura, apesar de lamentar que o valor da tarifa foi mantido no valor de R\$2,10, avaliou como positiva a reunião, e afirma ter conseguido conquistas importantes como a extinção do segundo passe. Acrescentou ainda que as manifestações estão suspensas, já que os pontos negociados serão levados aos demais integrantes que não puderam participar da reunião. (O Dia 19/jan/2012, p.03).

As charges dos dias 20 e 21 de janeiro de 2012 também expressão as condições de relações que se estabeleceram entre as partes envolvidas após a reunião que estabeleceu as principais conquistas reivindicadas pelos manifestantes, como pode ser visto a seguir. É claro que pode ser um exagero achar que o prefeito de fato esteja feliz com toda essa situação como mostram as charges, já que depois das medidas tomadas o prefeito terá que encontrar formas de compensação financeira para que o sistema seja mantido em funcionamento. Já por parte do estudante que aparece sorrido é perfeitamente justificável diante do que conseguiram alcançar.

Figura 7: Charge Jornal O Dia



Fonte: Jornal O Dia (O Dia, 20-21/jan/2013, p.06)

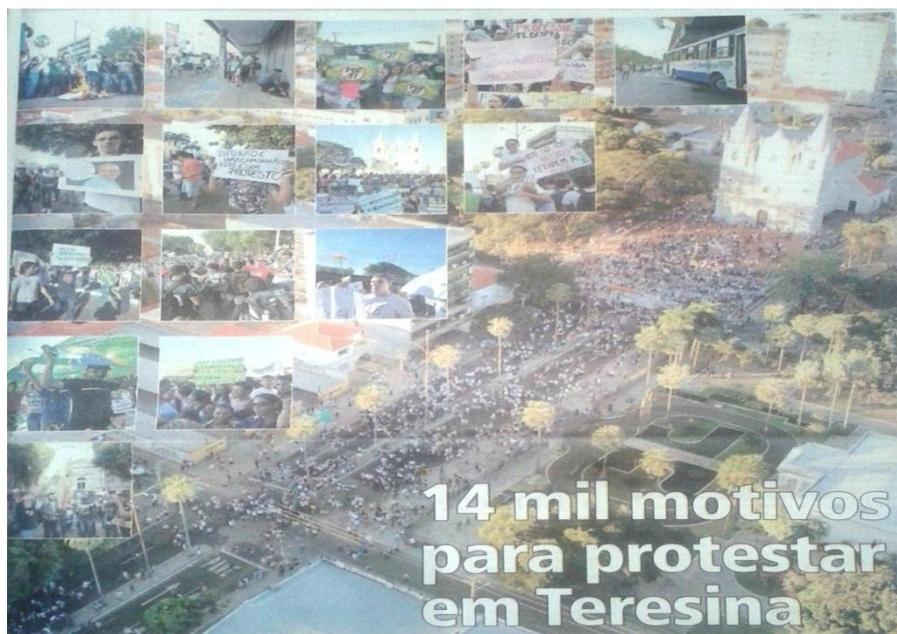
Fica aqui então nesses protestos de 2012 que tendo sido bastante semelhantes aos de agosto/setembro de 2011, colocadas suas devidas particularidades, que mais uma vez os manifestantes saíram em vantagens com boa

parte de suas reivindicações sendo atendidas, e a constatação que o povo unido tem um imenso poder de influenciar e fazer políticos e instituições voltarem atrás em suas decisões. Partiremos agora para o ano de 2013.

3.3 Teresina e as Manifestações em 2013

A capa do jornal O Dia de 21 de junho de 2013 talvez contenha a mais expressiva ideia do que caracterizou o movimento reivindicatório de Teresina nesse período. Com o título da reportagem *14 Mil Motivos Para Protestar em Teresina*, o jornal trazia pouco mais de uma dezena de imagens do primeiro dia de protestos na capital (20 de junho) sobrepostas sobre uma imagem maior que mostrava do alto a Avenida Frei Serafim tomada por uma multidão de pessoas. No resumo a reportagem trazia a seguinte nota: *Em cada manifestante que foi à Avenida Frei Serafim havia uma motivação diferente. As faixas iam desde o desejo de protestar contra a PEC 37, a corrupção, a cura gay, e o Ato Médico até a reivindicação por mais recursos para a Educação e a Saúde. Com todos os motivos, a manifestação em Teresina reuniu 14 mil e registrou poucos incidentes*(O Dia, 21/jun/2013, p.01).

Figura 8: 14 mil motivos para protestar



Fonte: Capa do Jornal O Dia (O Dia, 21/jun/2013, p.01)

Pode-se perceber que entre os cartazes levantados têm-se aquele com os dizeres “Que só os beijos te tapem a boca”, outro que diz “Isto não é uma caminhada, isso é um protesto”. O que essas frases revelam é que os manifestantes tinham total consciência de que o que estavam fazendo era algo legítimo, e que, portanto tinha toda sua carga de importância. Quando o manifestante diz que “isso não é uma caminhada, isso é um protesto” o que ele pretende é justificar a legitimidade de sua ação, além de esclarecer para todos, que está ali de fato não para ser mais um numa multidão, ou que não está ali apenas por estar, como se não tivesse motivo ou causa alguma, pelo contrário, ele quer mostrar que de fato está engajado naquela causa, que sabe exatamente o que o levou às ruas. Querem mostrar que não podem calar sua voz “que só os beijos te tapem a boca”. Estão cansados de não serem ouvidos, de não serem levados a sério, de não serem encarados como sujeitos de direitos, não serem foco de políticas públicas que garantam acesso a serviços de qualidade. Entre os cartazes ainda encontramos frases como “O Gigante Acordou”; “Não a corrupção” e, frases contra Marcos Feliciano, e frases de apoio aos professores, e um cartaz contra a PEC 37. É evidente que essas imagens não abarcam o todo das manifestações, milhares de outros cartazes foram erguidos, dezenas ou centenas de outras causas foram levantadas. Entre as demais fotos encontramos materiais sendo queimados na rua e um foco de conflito entre policiais e manifestantes.

O resumo da reportagem já apresenta o caráter multifacetado da manifestação de 2013 ao apresentar que em cada manifestante que foi à Avenida Frei Serafim havia uma motivação diferente. Isso já expressa de cara que o movimento de 2013 é também um reflexo do que vem acontecendo por todo o Brasil, com pautas de reivindicações gerais, o que também diferencia esse movimento de 2013 dos de 2011 e 2012 que estavam mais voltados para a questão do transporte público, das melhorias dos seus sistemas de transporte, da redução da tarifa do transporte, da implantação dos sistemas de integração. Não que o movimento de 2013 não reivindicasse melhorias no transporte público. É que o movimento de 2013 é mais amplo em suas reivindicações do que os dos anos anteriores. Até por que o contexto também é outro. O movimento em Teresina que teve início no dia 20 de junho ocorreu apenas pouco mais de uma semana após o início do movimento pela redução dos preços das passagens que ocorreu em São Paulo. Aderindo a esse movimento assim como outras inúmeras capitais do país, e

não só capitais, diga-se de passagem, que inclusive Parnaíba e Picos participaram dos movimentos, era impossível que ele ocorresse com o mesmo caráter do movimento de 2011 e 2012, tendo em vista o contexto nacionalmente abarcado que englobou uma variedade de temas a serem reivindicados.

Partindo então para a reportagem, o Jornal o Dia assim resume esse primeiro dia de protestos em Teresina:

Com o grito de “Oh Brasil vamos Acordar! O professor vale mais que o Neymar!” e com o lema “Sem violência” pelo menos 14 mil pessoas iniciaram na Avenida Frei Serafim o Movimento Reivindicador de Teresina por volta das 16 horas de ontem (20). A manifestação é uma forma de aderir à onda de movimentos que têm eclodido no país há cerca de 15 dias. Manifestantes jovens e idosos foram às ruas do centro de Teresina com reivindicações de melhorias na saúde e educação pública, redução das tarifas de transporte e um grito maior contra a corrupção do país. (O Dia 21/jun/2013, p.07)

Esse trecho de reportagem corrobora com o que já tínhamos pronunciado anteriormente, que é o fato de que para além da reivindicação pela melhoria do transporte público, os teresinenses também ansiaram melhores serviços na saúde e educação, e não tolera mais tanta corrupção. Quanto a quem foi às ruas em 2013 percebemos que o movimento abrangeu a faixa etária desde crianças a idosos, com uma considerável parcela de jovens, quando o jornal no título da reportagem, diz que, *Os manifestantes ocuparam a Avenida frei Serafim e diversas ruas da capital em um protesto pacífico que reuniu muitos jovens*. Na reportagem ainda é apresentada a fala de Marina Mendes, de 12 anos que participou da manifestação junto à mãe Auristela Mendes, dona de casa de 46 anos: “A gente está aqui para fazer um país melhor. Pode ser um sonho, mas continuaremos lutando. Temos a vontade de lutar por essa e pelas futuras gerações. Pelos direitos, que têm sido tirados pela corrupção”. (O Dia 21/jun/2013, p.07). Essa fala de Marina, 12 anos, mostra um auto entendimento quanto ao olhar que eles próprios, os manifestantes, tinham em relação aos seus atos. Faz-nos compreender como de fato essas pessoas que foram às ruas tinham consciência de como estava a situação dos serviços públicos, e de o quanto estavam dispostos a lutar para ver esse quadro se inverter e melhorar a sua vida e as vida das gerações futuras.

No entanto não existe unanimidade em englobar todos os manifestantes neste perfil de que existia um foco bem definido nas ações quando se considera toda a variedade e quantidade de pessoas que foram às ruas em Teresina. É bem

provável que um percentual dos que participaram das manifestações, ali estavam sem propostas definidas, sem bandeiras a levantar, talvez pegando carona no movimento para de alguma forma apenas se mostrar ou se achar militante de uma causa, de causas, ou simplesmente ser militante seja lá de que. Arimatéia Azevedo – colunista do jornal O Dia – assim caracteriza essa situação:

O que não faltava era motivo para a manifestação: inflação em alta, transportes públicos precaríssimos, mobilidade urbana caótica, copa do mundo com suspeita de corrupção generalizada, a famigerada PEC 37 e muito mais. Tudo muito difuso. Mas falta um foco. Na prática os manifestantes se dividiam em três grupos, que por sua vez se dividiam em tribos de interesses os mais diversos e discursos desencontrados. Os cartazes atiraram para todos os lados, sem um foco claro. A movimentação dos participantes era atabalhoada. Uma parte se acotovelava na São Benedito, outro tanto ocupava a frente da Prefeitura e uns outros ameaçavam (e logo desistiram) de ir para a Assembleia. Teve bandeira política, teve gente mascarada desde o primeiro minuto e meninhas que se vestiam para a balada, com bolsas de grif, batons nos lábio, sandálias de salto. [...] Boa parte dos manifestantes não manifestavam nada a não ser a sensação de que participavam de uma micareta. (O Dia. 21/jun/2013, p.04)

Quanto a não ter um foco definido, ou pensando em não ter uma única causa e também não ter uma liderança, não é nenhuma novidade. O movimento de junho de 2013 ocorrido em Teresina e várias partes do Brasil se caracterizou justamente por essas características meio que ímpares nas histórias das manifestações de rua do Brasil. A indignação era tanta e o buraco de problemas tão fundo que o que não faltava era motivo para protestar. É perfeitamente também aceitável que nem todos que ali estão, de fato o estão por motivos bem definidos. Se existia gente que por nada manifestavam, como acredita Arimatéia Azevedo, por outro lado existia uma grande gama de indivíduos que sim, sabia o porquê que estavam ali, e tinham sim, propostas bem definidas.

O relato de Azevedo, no entanto, nos informa uma questão importante, a de que esse primeiro dia de manifestações em Teresina parece ter ocorrido com ações desencontradas umas das outras como se não fosse um único protesto, mas vários protestos. Esse posicionamento desencontrado dos manifestantes também colabora para o entendimento de que os representantes dos protestos, que inclusive se reuniram com autoridades públicas para esclarecerem os objetivos e ações a serem realizadas no dia 20 de junho de 2013, por si só não são capazes de abarcar todos os ideais daqueles que iriam às ruas. Mesmo eles afirmando que o caráter dos

protestos eram pacíficos, não significa que serão, uma vez que a eles foge o controle de toda essa massa insurgente.

Assim como aconteceu em outras capitais que ao pretenderam um movimento pacífico, legítimo, e sem bandeiras políticas, encontrou-se em situações de total caráter contrário a esses princípios, pode-se ver isso também aqui em Teresina. Há de ressaltar, entretanto, que essa parcela que agia de contrário com os ideias do movimento eram constituídas de uma pequena minoria em relação ao todo dos participantes dos protestos, e que por inúmeras vezes foram repreendidos pelos próprios manifestantes.

Os manifestos de Teresina com exceção de alguns atos depredatórios transcorreram de forma tranquila. Apresentamo caráter múltiplo de propostas onde desde o início, os protestos foram além dos pedidos pela redução das tarifas do transporte público, se mostrando algo bem maior. Durante o protesto em Teresina, além dos gritos contra a PEC 37, PEC 33, Estatuto Nascituro e a 'Cura Gay', também se viam pedidos de Passe Livre, menos violência, mais saúde e educação e principalmente, menos corrupção, entre outras tantas solicitações da população. (O Dia, 21/jun/2013, p.06).

O segundo dia de manifestações, iniciado com as cores da bandeira nacional e reivindicações populares, foi encerrado com ações de vandalismo. Lixo foi espalhado pelas ruas e incendiado. Pedras foram atiradas contra o Palácio de Karnak. Um grupo de estudantes se reuniu inicialmente na Praça da Liberdade, ao lado da Igreja São Benedito, e iniciou a caminhada pela Avenida Frei Serafim. Uma barricada formada por pneus foi incendiada nas proximidades da igreja, bloqueando a via. Os manifestantes pautam a redução da passagem de ônibus, que atualmente custa R\$ 2,10, e o passe livre para estudantes no transporte público municipal (O Dia. 22/jun/2013, p05). Para a Polícia Militar, a mobilização contou com a adesão de cerca de 500 pessoas e é acompanhada de perto por 10 viaturas. Alguns manifestantes chutaram e jogaram pedras em um ônibus do sistema de transporte público da capital. O veículo foi bloqueado pelos manifestantes na Avenida Miguel Rosa e não teve como sair da via a tempo. Além dessas ações, os estudantes bloquearam a passagem de um carro de reportagem da TV Clube – afiliada da Globo no Piauí – e disseram para a equipe abandonar o veículo. Impedidos pelos policiais nenhum dano foi causado ao veículo. Depois os manifestantes se

concentraram no cruzamento da Frei Serafim com a Coelho de Rezende sentando no chão obstruindo essas importantes vias de acesso em Teresina.

Figura 9: Na Avenida Miguel Rosa os manifestantes atearam fogo



Fotos: Jailson Soares/ O DIA

Na Avenida Miguel Rosa, os manifestantes atearam fogo no lixo

Fonte: Jornal O Dia (O Dia, 22/jun/2013, p.05)

Figura 10: Em frente ao Palácio de Karnak um grupo atira pedras contra a polícia após danificar placas



Em frente ao Palácio de Karnak, um grupo atira pedras contra a polícia após danificar placas

Fonte: Jornal O Dia (O Dia, 22/jun/2013, p.05)

Essas imagens confirmam o que já foi dito, de que mesmo diante da proposição de que os movimentos não teriam atos de violência, quando se tem um movimento formado sem uma liderança concreta essas questões fogem ao controle daqueles que propunham uma ação pacífica. Até porque existe uma diversidade de pessoas, e nem todos se sentem representados por uma minoria que carrega em si a intensão de serem os representantes do movimento como um todo. E já mesmo o primeiro dia de protestos (20/06) foi marcado por pequenos atos isolados de violência, com depredação de veículos e prisões, como podemos ver:

Um pequeno grupo acabou depredando três ônibus intermunicipais e um caminhão cargueiro na Avenida Maranhão. Os veículos foram apedrejados e janelas foram quebradas. A maioria dos vândalos usava máscaras no momento do ato. Trata-se de um grupo que se separou da maioria após a concentração em frente à Prefeitura. Os manifestantes tentaram esclarecer que essas pessoas não faziam parte do movimento, que se propõe pacífico. Durante o ato, eles tomaram a frente dos veículos na tentativa de impedir a depredação.[...] Já durante a noite mais um ônibus foi depredado na Avenida Raul Lopes. (O Dia. 21/jun/2013, p.08).

O segundo dia de protesto foi igualmente ao primeiro, marcado por uma consideração de ação de violência:

Mais de quatro horas depois do início dos protestos, os manifestantes permaneciam nas ruas de Teresina. [...] Os jovens permanecem divididos quanto às táticas adotadas para se manifestar. Entretanto, um grupo menor de jovens – a maioria com camisas tapando o rosto –, defendia ações mais contundentes. Eles atiraram pedras e um pneu em chamas nos jardins do palácio do governo. As vias que dão acesso à região foram interditadas por fogueiras. Acionado, o Corpo de Bombeiros foi até o local para conter as chamas. O mesmo grupo ainda tentou bloquear o acesso aos pneus, mas os bombeiros lançaram água sobre eles. Após alguns minutos, os mesmos jovens investiram contra os policiais reunidos em frente à sede do Executivo estadual. Com pedras e foguetes, investiram contra a tropa, que não reagiu. Um rojão atingiu a fiação elétrica e deixou parte da área no escuro. A Cavalaria, a Tropa de Choque e a Força Tática estavam em formação.(O Dia. 22/jun/2013, p.05).

Entre as iniciativas para se dar uma resposta à toda essa onda de indignação, o Vereador Gilberto Paixão (PT), propõe a redução de ISS para queda no valor da passagem de ônibus de R\$ 2,10 para R\$ 2,00. Segundo Paixão, “Teresina, vem há muito tempo sofrendo com o alto valor da passagem, levando-se em consideração que o percurso é pequeno, que os ônibus são de péssimas condições, terminais e

paradas de ônibus inadequados e baixo valor do piso salarial dos trabalhadores” (O Dia. 22/jun/2013, p.02). Acrescentou ainda que “as manifestações dos estudantes e trabalhadores por todo país, realizada em Teresina nesta quarta- feira nos indicam que Teresina não pode ficar de fora e que o poder público tem o dever e a obrigação de respeitar a vontade da população”.

A atitude do vereador do PT de Teresina em um primeiro momento informa que o poder público não está alheio ao que vem acontecendo na capital. Embora essa proposta isolada de Paixão não represente em si só, toda a possibilidade de mudanças que podem ser empreendidas. Mais medidas precisam ser articuladas, precisam vir a ser discutidas e de fato, implementadas na lei.

Sobre os resultados que estas manifestações trarão, o cientista político Robert Pedrosa, pondera em O Dia, que apesar da enormidade das manifestações, é necessário pensar nos resultados.

Qual será o resultado prático disso? Essa é a questão. Esses protestos todos só terão sentido se se resultarem em mudanças. E não estou falando da redução das tarifas, pois isso foi o que o governo pôde fazer de forma rápida. As verdadeiras mudanças, melhoria na educação, saúde, segurança, por exemplo, são mais profundas. (O Dia. 24/jun/2013, p.02).

Pedrosa considera que as vantagens desse movimento generalizado só virão com ações mais eficientes em tudo aquilo que a população mais reivindica, não considerando ele que somente a redução caracterizaria uma vitória, mas principalmente as mudanças de prazos mais longos, que se efetivariam nas melhorias dos serviços públicos de qualidade. Por um lado, ele está certo sim. Por que muita das pessoas que foram as ruas sequer usa transporte público, o que, portanto deduz-se que o que às levou às ruas foi não a redução da tarifa de transporte público, mas sim a melhoria dos serviços. Muitas dessas pessoas na verdade querem mesmo é poderem através desses protestos participarem de alguma forma das decisões políticas que impactam diretamente no seu dia a dia.

No dia 25 de junho de 2013 atos de vandalismo tomaram as ruas de Teresina em substituição às manifestações populares. Nesse dia um grupo interditou a Avenida Frei Serafim e tentou invadir a Câmara, além do mais quebrou uma viatura e foi recebido com bombas pela polícia. Na ação 18 pessoas foram presas. O estopim para o confronto do início da noite na Av. Marechal Castelo Branco foi a obra abandonada do Centro de Convenções de Teresina. Uma manifestação

colocou fogo nos tapumes deteriorados que cercam o local. Essa ação mostra pela incitação de sua atitude uma revolta pelo mau uso do dinheiro público, ou melhor, pelo suposto desvio do dinheiro ou ainda pelo desperdício do dinheiro, e mais ainda pelo marasmo com que as obras públicas funcionam no Brasil. Uma obra paralisada fez com que as pessoas encontrassem motivos para demonstrar sua indignação aos políticos que regem a administração pública, muitas vezes superfaturando valores em obras e deixando-se aplicar a lei do atraso para que mais facilmente possam desviar dinheiro público.

Voltando ao debate sobre como os políticos têm se articulado para dar respostas mais eficientes sobre as demandas reclamadas pela população, o presidente Wilson Martins confirmou no dia 25 de junho que vai se reunir com o prefeito de Teresina para avaliar a possibilidade de desonerar o ICMS (Imposto sobre produto Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre o óleo diesel utilizados em ônibus coletivo, o que incentivaria a redução no preço das passagens de ônibus. Vale lembrar, entretanto, que em janeiro de 2012 a despeito das manifestações em Teresina pela redução da passagem de ônibus, Wilson Martins chegou a declarar que não havia nenhuma possibilidade do Governo do Estado desonerar o ICMS, pois o Estado não poderia abrir mão de uma receita segura, colocando inclusive que a tarifa de transporte público era responsabilidade do município e não do Estado.

Em novo discurso agora em 2013, Wilson Martins muda o tom de não responsabilidade em relação ao problema, admitindo que seja possível sim, reduzir o valor da tarifa dos ônibus. A proposta de Martins é sentar-se com o prefeito, empresários, e com os representantes dos manifestantes, e em suas palavras “abrir a caixa preta da planilha”, mostrando quanto custa na realidade o preço de uma passagem, quanto é o lucro que essas empresas têm com a passagem, entre outros pontos.

É preciso compreender aqui que a iniciativa de Wilson não constitui em si uma resposta concreta ao problema, já que o que eles vão fazer é analisar as possibilidades de redução, e não ainda aplicar a redução. Inicialmente vão-se analisar as planilhas de custos do sistema de transporte para depois verificar a possibilidade de conceder a desoneração. No entanto, vale ressaltar a importância da sua mudança de postura em relação à flexibilização da possibilidade dessa desoneração do ICMS.

Parece-me que as mudanças oriundas dos protestos de junho de 2013 em Teresina ficam mesmo no campo das mudanças de postura assumidas pelos representantes do setor público em apresentar-se favoravelmente aos protestantes no sentido de se mostrarem atentos às suas reivindicações, pelo menos no caso do transporte público, só isso. Até o final de junho nenhuma medida concreta foi realmente apresentada. Nenhum pronunciamento partiu das autoridades em relação às demais demandas do povo. Não se falou em educação, saúde, segurança. Talvez se precise de mais tempo para que algumas mudanças de fato sejam efetivadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo sobre as recentes manifestações no Brasil, em especial a capital piauiense Teresina, procurou compreender como se desenrolou as manifestações em partes do Brasil e Teresina. A ideia era trazer os acontecimentos para um debate histórico do que ele representa na História recente do Brasil. Como campo teórico utilizamos dos conceitos da História Social e da História do Tempo Presente para balizarmos esse estudo e melhor servir-nos das análises feitas dos acontecimentos aplicando-as ao campo historiográfico. No campo metodológico utilizei-me da análise de jornais e revista por compreender a importância dessas fontes jornalísticas como documentos históricos, servindo como um elemento de ampliação do campo de atuação do historiador, considerando o que Eric Hobsbawm fala que a medida que o historiados do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependentes de dois tipos de fontes sendo uma delas a imprensa diária ou periódica.

Partindo desse interesse, procuramos desenvolver uma pesquisa que nos possibilitou ampliar o nosso entendimento de como se organizam as massas, fazendo com que pessoas diferentes se unam a um grupo para lutarem por uma causa, como argumenta E.P. Thompson. E aí elaborou-se uma narrativa dos acontecimentos na capital Teresina nos anos de 2011, 2012 e 2013. Através da análise jornalística descobrimos como se desenvolveu as manifestações nesse espaço/tempo. Como foram as ações impetradas pelos indivíduos; quem foi às ruas – estudantes, trabalhadores, usuários de transporte público, não-usuários de transporte público, crianças, jovens, adultos, idosos. Compreendemos o por que foram às ruas, que motivos os influenciaram a estar tão presente nesses acontecimentos. Vimos o que esses protestos influenciaram na ambiente político, fazendo-os se mobilizarem para tentar atender de alguma forma os anseios da população.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos** in LPH - Revista de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Nº 15, 2005; p.235-256. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/46494234/Historia-Social-UFOP-2005>, acessado em 10/08/2013.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIOUX, Jean-Pierre. In: **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

ROUSSEFF, Dilma. **Pronunciamento público sobre as manifestações**. 21.06.2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/21/leia-a-integra-do-pronunciamento-da-presidente-dilma.htm> acessado em: 23.07.2013

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FONTES

14 MIL MOTIVOS PARA PROTESTAR. Capa Jornal O Dia. Teresina. ANO. 62. Nº 17.624 / 21.jan.2013, p.1.

AZEVEDO, Arimatéia. *Em Teresina faltou a madrinha*. Jornal O Dia. Teresina. ANO. 62. Nº 17.624 / 21.jan.2013, p.4.

BANDEIRA, Viviane. *Editorial Sem Aviso*. Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.730 / 28. dez. 2011, p6.

_____. *Editorial Reprise Indesejada*. Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.737 / 04. jan. 2012, p6.

BASTOS, Mariana. *Prefeitura suspende por 30 dias reajuste da passagem de ônibus*.Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.615 / 3. set. 2011, p3.

BONIN, Robson e COELIN, Adriano. *O Congresso pega fogo*. Revista Veja. ed. 2328. São Paulo: Abril, 03.jul.2013. p.60.

BONIN, Robson. *Vozes de um mundo distante*. Revista Veja. ed. 2329. São Paulo: Abril, 10.jul.2013. p.60.

CABRAL, Otávio e LEITÃO, Leslie. *O Poder nas Nuvens*. Revista Veja. ed. 2329. São Paulo: Abril, 10.jul.2013. p.54.

CABRAL, Otávio. *Não é que funciona mesmo?*. Revista Veja. ed. 2328. São Paulo: Abril, 03.jul.2013. p.54.

_____. *Os sete dias que mudaram o Brasil*. Revista Veja. ed. 2727. São Paulo: Abril, 26.jun.2013.p.60.

FREITAS, Maycon. *Um dos líderes das manifestações no Rio de Janeiro em entrevista concedida a Veja*. Revista Veja. ed. 2328. São Paulo: Abril, 03.jul.2013.p.17.

CARDOSO, Francicleiton. *Manifestação leva 14 mil pessoas às ruas do centro*.Jornal O Dia. Teresina. ANO. 62. Nº 17.624 / 21.jan.2013, p.7.

_____. *Depredação de veículos e pressões são registradas*. Jornal O Dia. Teresina. ANO. 62. Nº 17.624 / 21.jan.2013, p.8.

DIAS, Juliana. *Apenas 35% das linhas de ônibus de Teresina permitirão integração*. Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.725 / 23. dez. 2011, p4.

FRASES DO DIA. *Elmano Ferrer*. Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.738 / 05. jan. 2012, p6.

GUZZO. J.R. *Brasil Nervoso*. Revista Veja. ed 2327. São Paulo: Abril, 26.jun. 2013. p.134.

_____. *O fim do resto*. Revista Veja. ed 2328. São Paulo: Abril, 03.jun. 2013. p.80

INTEGRAÇÃO SERÁ 100% E TERÁ PASSAGEM ÚNICA. Capa do Jornal O Dia. Teresina. ANO. 60. Nº 16.750 / 19.jan.2012, p.01.

LUFT, Lya. *Falência múltipla*. Revista Veja. ed. 2328. São Paulo: Abril, 03.jul.2013. p.24.

MACEDO, Valmir; LOPES, Isabela; MAIA, Rômulo. *Em novos protestos estudantes param avenidas e destroem patrimônio*. Jornal O Dia. Teresina. ANO. 62. Nº 17.625 / 22.jan.2013, p.5.

MAGELE, Bela e RANGLE, Carolina. *A razão de tanta fúria*. Revista Veja: ed 2326 São Paulo: Abril,12.jun.2013. p84.

MARTINS, Josiel. *Estudantes comemoram pelas ruas da cidade suspensão do aumento*. Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.615 / 3. set. 2011, p6.

MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL, editorial Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.611 / 30 ago. 2011, p6.

OMISSÃO ENTREGA TERESINA AO CAOS, capa Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.614 / 02. Set. 2011, p.1

PEDROSA, Robert. *Movimento bloqueia avenidas, ponte e isola centro da cidade*. Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.613 / 1. set. 2011, p 5.

PEDROSA, Robert; MARTINS, Josiel; PORTELA, Cícero; ROMERO, Maria. *Protesto intensifica no terceiro dia e bloqueia Frei Serafim e ponte J.K.* Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.738 / 05. jan. 2012, p1.

RANGEL, Rodrigo. *Mensaleiros em Pânico*. Revista Veja. ed. 2328. São Paulo: Abril, 03.jul.2013. p.72.

RODRIGUES, Sérgio. *Em "brasiliês" puro e castiço*. Revista Veja. ed. 2329. São Paulo: Abril, 10.jul.2013. p.62.

TITO, Wenner. *Estudantes planejam nova manifestação para hoje*. Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.611 / 30 ago. 2011, p1.

ZONA LESTE TERÁ NOVO CORREDOR DE TRÁFEGO. Reportagem Jornal O Dia. Teresina. ANO 60. Nº 16.719 / 17. dez. 2011, p2.